



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

DANIELI BARBOSA DE ARAUJO

**DIMENSÃO EDUCADORA DA CIDADE:
POÉTICA E IMAGINAÇÃO NA EXPERIÊNCIA URBANA**

Londrina
2017



DANIELI BARBOSA DE ARAUJO

**DIMENSÃO EDUCADORA DA CIDADE:
POÉTICA E IMAGINAÇÃO NA EXPERIÊNCIA URBANA**

Londrina
2017

DANIELI BARBOSA DE ARAUJO

**DIMENSÃO EDUCADORA DA CIDADE:
POÉTICA E IMAGINAÇÃO NA EXPERIÊNCIA URBANA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Geografia da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Jeani Delgado Paschoal Moura

Londrina
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Araujo, Danieli Barbosa de.

Dimensão educadora da cidade : poética e imaginação na experiência urbana / Danieli Barbosa de Araujo. - Londrina, 2017.

84 f. : il.

Orientador: Jeani Delgado Paschoal Moura.

Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Exatas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2017.

Inclui bibliografia.

1. Cidade - Tese. 2. Poética - Tese. 3. Educação - Tese. 4. Experiência - Tese. I. Moura, Jeani Delgado Paschoal. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Ciências Exatas. Programa de Pós-Graduação em Geografia. III. Título.

DANIELI BARBOSA DE ARAUJO

**DIMENSÃO EDUCADORA DA CIDADE:
POÉTICA E IMAGINAÇÃO NA EXPERIÊNCIA URBANA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Geografia da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Geografia.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Jeani Delgado
Paschoal Moura
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Eduardo José Marandola Jr.
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr^ª Ideni Terezinha Antonello
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 15 de dezembro de 2017.

Aos meus pais e irmãos, que dotam
minha vida de um amor imensurável.

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação é fruto de um sonho e de um desejo íntimo. Sempre estive em mim o sonho de ser professora, e o sonho de prosseguir na carreira acadêmica, continua me acompanhando. Assim como todo sonho, este me exigiu determinação, paciência, tenacidade e dedicação. Sou grata a todos que estiveram comigo, de diferentes formas, neste percurso.

A Universidade Estadual de Londrina, minha segunda casa, que me permitiu chegar até aqui. Sou grata por esse espaço e por todos os professores que me permitiram ser a profissional, que ainda criança, eu almejava.

Sou imensamente grata a professora **Jeani Delgado Paschoal Moura**, que me acolheu com serenidade em mais uma pesquisa. Sei o quanto ela mergulhou comigo nesta escolha. O quanto esteve presente, me orientando, cooperando, sendo proativa. Sou muito grata por tudo que conseguimos conquistar até aqui. Meus sinceros agradecimentos!

Em especial, a professora **Lúcia Helena Batista Gratão**, por quem tenho uma enorme admiração. Lúcia, uma mulher de sonhos e devaneios, sempre me inspirou, e este trabalho tem tons de nossas conversas de fim de tarde no cerrado, nos cafés, nas ruas de Goiás Velho e de Goiânia. Sou muito grata por ter me acolhido em sua casa, no seu canto do mundo. Ali se fortificou este sonho, nos demos o direito de sonhar. Meu muito obrigada!

Aos professores da banca, **Eduardo José Marandola Junior** e **Ideni Terezinha Antonello**, que gentilmente aceitaram participar deste trabalho. Tenho enorme admiração pelos profissionais que são, e sou grata pelos escritos que me orientaram no percorrer desta pesquisa.

Ao grupo de estudos **Café com leitura**, guardo tanto carinho por todos vocês! Nossas reuniões e encontros, nossos projetos de leitura, as ideias e indicações de obras, tudo foi fundamental no decorrer desta pesquisa, vocês também são parte dela.

Aos artistas **João Werner** e **Wilson Viera**, pelas pinturas e fotografias que compõem o trabalho. Obrigada pela gentileza!

Gratulo também a **Larissa Alves**, juntas iniciamos nossa jornada na pós-graduação, dividindo muitas alegrias e aflições. Agora, concluímos juntas, pela terceira vez, mais uma pesquisa. Obrigada Lari!

Aos **meus pais e meus irmãos**, que me viram tantas vezes preocupada e sempre procuraram fazer de tudo para amenizar. Minha mãe, sempre tão amorosa, otimista e confiante. Meu pai, sempre sonhador, protetor, me inspirando. Meus irmãos, que me enchem de alegria, carinho e dão um toque tão especial em minha vida. Obrigada!

Ao **Pedro Lorenzo** um amigo tão querido que Londrina me deu. Pedro com todo seu talento e generosidade elaborou e me presenteou com o desenho que ilustra a capa deste trabalho. Obrigada!

Meus agradecimentos se estendem ao **Heder Valencia**, amigo por quem cultivo tanta afeição. Obrigada pela ajuda com o abstract do trabalho, pelas conversas que permearam e fortaleceram minha convicção do tema de pesquisa.

A **Mariza Hatsumi**, minha grande amiga, fruto de São Sebastião da Amoreira, por quem tenho enorme afeto. Obrigada pela companhia nas madrugadas, escrevendo, conversando.

Ao amigo **Breno Neto**, que sempre está presente, apesar da distância. Obrigada meu amigo!

Por fim, me gratulo com aquele que por fé e amor, faço questão de me lembrar todos os dias. No processo solitário de escrita, longe de minha família e amigos, busquei socorro, forças e perseverança no silêncio das orações, que sempre foram atendidas. Obrigada meu Deus, pela Graça da Vida!

- Há muitos anos, neste mesmo lugar, havia uma linda cidade, cheia de casas bonitas e lugares atraentes... As ruas eram cheias de coisas maravilhosas para se olhar e as pessoas sempre paravam para olhar para elas.

- Elas não tinham nenhum lugar para ir?, pergunta Milo.

- Claro que sim, mas como você sabe, a razão mais importante de se ir de um lugar para o outro é ver aquilo que há entre dois lugares...

- Aí, um dia, alguém descobriu que, se você não olhasse para nada e tomasse atalhos, você chegaria depressa. As pessoas tornaram-se obcecadas para chegar lá, correndo, depressa, olhando para o chão. E, porque ninguém mais ligava para as coisas à sua volta, tudo foi ficando cada vez mais feio e mais sujo e, como tudo foi ficando sujo e feio, as pessoas andavam cada vez mais depressa, e então uma coisa muito estranha começou a acontecer. A cidade começou a desaparecer. Dia a dia, as construções iam sumindo e as ruas desaparecendo. E as pessoas continuavam vivendo ali como sempre, nas casas, em prédios e nas ruas, que já não estavam mais ali, porque ninguém notava nada.

(JUSTER, N. *apud* HILLMAN, 1993, p. 56)

ARAUJO, Danieli Barbosa de. **Dimensão Educadora da Cidade: Poética e imaginação na experiência urbana.** 2017. 82 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

RESUMO

A cidade esboça em si sonhos, desejos e significações, apesar de ser vista, via de regra, como inanimada, reduzida a formas geométricas, com pouco significado aos que nela vivem. O objetivo dessa pesquisa é compreender como a cidade se mostra aos seus cidadãos em uma época de perda de conectividade com os espaços vividos. Fundamentada pela Fenomenologia da Imaginação de Gaston Bachelard, a pesquisa revela a experiência urbana como formadora, e a cidade como um repertório poético e educador. A metodologia de pesquisa, do tipo qualitativa, contou com trabalhos de campo pela cidade de Londrina -PR, e a elaboração de um diário, com os relatos das experiências e observações sobre a mesma. Fez-se uso de fotografias e pinturas, denominados de documentos poéticos, a fim de retratar o imaginário urbano. Como resultado, demonstra-se como a cidade está para além de sua materialidade, exibindo em si a dimensão poética e educadora, capaz de criar laços de conectividade com os espaços vividos.

Palavras-chave: Cidade. Poética. Educação. Experiência.

ARAUJO, Danieli Barbosa de. **Educational Dimension of the City: Poetics and imagination in the urban experience.** 2017. 82 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

ABSTRACT

The city itself, an intrinsic space to human life, sketches dreams, desires, and meanings, although it is generally seen as inanimate, reduced to geometric forms, with little meaning to those who benefit from it. The aim of this research is to create a better understanding of how the city shows itself to its citizens in an era of connectivity loss with the lived spaces. Based on Gaston Bachelard's Phenomenology of Imagination, research reveals the urban experience as a former, and the city as a poetic and educative repertoire. Fieldwork in the city of Londrina-PARANÁ, the elaboration of a diary, with the reports of the experiences and observations about the city are part of the qualitative research methodology. Photographs and paintings, granted by their authors, were used in order to portray the urban imaginary, giving rise to poetic documents. As a result, it was demonstrated how the city goes beyond its materiality, starting to exhibit its poetic and educative dimension, capable of creating ties of connectivity with the lived spaces.

Keywords: City. Poetic. Education. Experience.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	– Conchas dos homens.....	25
Figura 2	– Primeira estação ferroviária de Londrina.....	43
Figura 3	– Vista panorâmica de Londrina.....	44
Figura 4	– Ruas de Londrina.....	45
Figura 5	– Vista aérea de Londrina.....	46
Figura 6	– Forró.....	49
Figura 7	– Malabares.....	49
Figura 8	– Parada de ônibus.....	50

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 A CIDADE REVELADA EM MINHA EXPERIÊNCIA	18
1.1 A CIDADE QUE ENCONTREI.....	19
1.2 A CIDADE DE ONDE VENHO.....	24
2 FENOMENOLOGIA DA IMAGINAÇÃO	30
2.1 IMAGINÁRIO URBANO: EXPERIÊNCIAS NA CIDADE	31
2.2 FENOMENOLOGIA DA IMAGINAÇÃO CRIADORA	35
3 DOCUMENTOS POÉTICOS	43
3.1 DESPERTAR POÉTICO: POTENCIAL EDUCADOR DA CIDADE	44
3.2 DOCUMENTOS POÉTICOS: FOTOGRAFIAS	46
3.3 DOCUMENTOS POÉTICOS: PINTURAS	53
4 CIDADE, REPERTÓRIO POÉTICO E EDUCADOR	58
4.1 AULA EM MOVIMENTO: PERCORRENDO A CIDADE.....	59
4.2 REPERTÓRIO POÉTICO E EDUCADOR	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
REFERÊNCIAS	81



Introdução

“Ao chegar a uma nova cidade, o viajante reencontra um passado que não lembrava existir: a surpresa daquilo que você deixou de ser ou deixou de possuir revela-se nos lugares estranhos, não nos conhecidos”
(CALVINO, 1990, p. 14)

“Vivemo-lo num tempo de distensão, tempo sem força ligante. Sendo destituído de atenção, não raro é destituído de memória” (BACHELARD, 2006, p. 5)

A experiência é a escala epistemológica para a qual a fenomenologia está voltada. Através dela o fenômeno se abre para a compreensão, sendo o ponto de partida da investigação fenomenológica. Os percursos de leituras revelam a fenomenologia como a descrição de todas as essências (*eidos*), ou significações de todas as realidades materiais, naturais, ideais e culturais, ou seja, a descrição de todos os fenômenos (PEIXOTO, 2003).

Tal filosofia busca estudar a essência das coisas e como elas são percebidas no mundo, como se apresentam na experiência, suspensas de teorias e proposições. Seu interesse não é o mundo que existe, mas como o conhecimento de mundo apresenta-se para cada indivíduo. Neste sentido, unindo Geografia e Fenomenologia, observa-se que ambas têm, em planos diferentes, objetivos convergentes: o de estudar a constituição de mundo (HOLZER, 1999).

A fenomenologia, substrato fundamental da presente pesquisa, propõe-se a compreender as manifestações dos fenômenos. Desta forma, as experiências pessoais e o diário de campo, os quais permeiam grande parte do trabalho, são para a fenomenologia potenciais para a investigação da experiência, o que inclui intrinsecamente a experiência do próprio pesquisador (MARANDOLA JR, 2016).

A premissa é pensar a cidade como educação, entendendo a experiência urbana como formadora, a qual, aliada à poética, traçam um caminho para experienciar a cidade de forma autêntica. Pretende-se, assim, compreender como a cidade proporciona experiências educadoras, ou seja, uma educação do lugar.

Mas, para alcançá-la é necessária uma experiência de alma com a cidade, a que denominamos de experiência urbana, orientada na força imaginante, na poética que emerge da própria cidade, ultrapassando, assim, visões funcionalistas e mercadológicas.

Como estrangeiros em um lugar, no sentido de ser e estar atentos aos espaços, lançando-nos a olhar por uma óptica distinta a cidade em que vivemos, estaremos suscetíveis, com enlevo, a experienciar e apreender a poética e a dimensão educadora da cidade, assim como a essência do cosmos, perdida com o mundo moderno.

Mas para tal, é preciso refletir sobre o que é esse lugar, a cidade? A cidade pode ser experienciada e apreendida, indo além de sua materialidade? Há uma poética da cidade? É possível educar-se na/pela cidade?

Estas questões, a serem respondidas no decorrer do trabalho, instigam a reflexão sobre a cidade existente e a cidade sonhada, imaginada, que quer-se construir. Uma cidade com sua infraestrutura e modernidade não é suficiente. Não são suficientes palácios e monumentos, museus e catedrais. A poética e a fenomenologia proporcionam um experienciar a cidade de maneira diferente, são como uma ponte para a integração social e um convite à humanidade. Ou mesmo, uma fonte de inspiração, revelando o bem e o belo da existência, do cotidiano e do habitar contemporâneo.

Ao propor um trabalho que busque revelar uma cidade formadora, escolheu-se como caminho de partida entender a fenomenologia da imaginação delineada pelo filósofo e poeta francês Gaston Bachelard, e desvendá-la enquanto atitude/ação cotidiana, contribuindo para o entendimento de uma cidade poética e educadora.

Por esta perspectiva, encontra-se um caminho para apreender a cidade em sua função educadora, a qual orientada pela poética, apresenta formas de reestabelecer relações sensíveis com a cidade.

A Geografia Humanista de base Fenomenológica aponta para outras formas de conhecimento (diferentes da ciência racionalista, alicerçada em testes e comprovações) pautado em percepções, em vivências mundanas, considerando o espaço vivido e a subjetividade. “A fenomenologia [...] dá a possibilidade de reestabelecer o contato entre o mundo das significações, por possuir a verdadeira medida da subjetividade[...].” (GOMES, 2005, p.328).

O local de realização do trabalho foi Londrina, ou melhor “Londrinhas”, em suas ruas, seus espaços abertos, suas praças, pontos de ônibus, suas esquinas e seus pontos de referência.

O trabalho apoiou-se, também, nas formas de presentificar poeticamente a experiência de se viver e se educar na cidade, por meio de documentos poéticos, de cunho não verbais, como fotografias e pinturas e, partindo deles, elucidar a poética da cidade.

Assim, no método fenomenológico de pesquisa, não há uma compreensão prévia do fenômeno a ser estudado; busca-se antes retornar à experiência do mundo a partir de uma consciência pré-científica. O investigador preocupa-se com o que vai investigar, abstendo-se de análises e conceituações. Este método leva em

consideração as ações e as experiências sobre o espaço, a fim de compreendê-lo em sua essência.

Para tanto, deu-se atenção a alguns passos imprescindíveis na efetividade da pesquisa, como: a intencionalidade, a redução fenomenológica, a descrição subjetiva e a intersubjetividade. Assim, dentro do percurso fenomenológico, encontram-se as bases que sustentam o trabalho e conduzem os caminhos da pesquisa.

Uma destas bases foi o filósofo e poeta francês Gaston Bachelard, camponês, nascido em uma pequena cidade e levado pelas circunstâncias da vida a buscar outros espaços para viver. Bachelard, embasa filosoficamente este trabalho. O autor, agracia-nos com o estudo da poética do espaço, algo tão indispensável para o desenvolver da atual proposta de estudo.

A poética de Bachelard é tecida com linhas coloridas da imaginação. A partir da poética o autor lança um desafio de construir uma pedagogia da imaginação, como um modo dos indivíduos se libertarem do tempo vertiginoso da vida cotidiana, sendo assim, a poética seria uma condição para a tomada de consciência da vida (MARTÍNEZ *et al*, 2016).

Bachelard nasceu em Bar-sur-Aube, uma pequena cidade da região da Champagne francesa. Considerado um filósofo camponês, formou-se em uma província rústica do campo, passando sua infância em contato com este ambiente e migrando para Paris somente na maioridade. Sua experiência de infância conferiu às suas obras traços marcantes e originais (BARBOSA; BULCÃO, 2004).

Foi professor do ensino secundário, tendo tido outros empregos antes de chegar às universidades, nas quais lecionou filosofia e onde permaneceu até sua morte. Em muitos momentos teve sua vida marcada por rupturas, chegando a interromper seus estudos, todavia, sempre manteve sua tenacidade, a qual trouxe, através de suas obras, grandes contribuições.

O método fenomenológico de Bachelard é o caminho percorrido a fim de sustentar a atual pesquisa. Pensar a cidade e a experiência geográfica como formadoras requer mergulhar no íntimo e no sensível do ser humano, na sua força imaginante e poética. Estas são capazes de reconectar as pessoas às suas geograficidades – essência geográfica de ser-e-estar no mundo.

Bachelard nos convida a fazer exercícios de retificação de ideias, de (re)discussão de posições, de busca de experiências novas que possam dizer não

às antigas. É neste sentido que a fenomenologia de Bachelard abre-se como um caminho para ir além do realizado, do dito, em busca da novidade (RAMOS, 1999).

Sua poética, concentra-se na imaginação, na imagem e no devaneio, mas, como aponta Ramos (1999), em significados distintos da tradição filosófica-literária.

A imaginação liberta o devaneador de tudo que é convencional, superficial, possibilitando mergulhar no íntimo das coisas. “[...] a imaginação material, aliada à vontade, é puro poder de criação, é um ir além da superfície para encontrar, no ser, o primitivo e o eterno, para alcançar, na substância, a intimidade” (RAMOS, 1999, p. 33).

A imaginação, enfatizada por Bachelard e nomeada de material, difere da imaginação formal -convencional- que converte a matéria em simples objeto de visão. É pela imaginação material que se tecem os devaneios de vida (RAMOS, 1999). O devaneio que Bachelard apresenta é o poético, um devaneio que a poesia coloca em ascensão, o qual permite um amadurecimento e crescimento da consciência.

O filósofo da imaginação poética, nos conduz para uma forma sensível de compreensão de mundo, assim como de formação humana. Neste sentido, na perspectiva fenomenológica e poética, busca-se inspiração para apreender a educação presente no fenômeno urbano e o seu potencial formador.

O impulso para a presente escrita é desvelar uma cidade educadora e um espaço que esboça formação. Busca-se um resgate da ligação homem e mundo-da-vida, um retorno à evidência originária da experiência humana (FERREIRA, 2016). A cidade, através de sua ação formadora, reavivada pela poética, é capaz de potencializar sentimentos de identidade, cidadania e principalmente mostrar como a experiência corpórea das pessoas com os lugares é rica em aprendizado.

O primeiro capítulo, “A cidade revelada em minha experiência”, contém parte da minha experiência e vivência na cidade, retratando cenas da cidade de onde venho, São Sebastião de Amoreira - PR, e da cidade que busquei, Londrina - PR. Todavia, não se trata de narrar uma experiência pessoalizada na cidade, mas sim, revelar fenômenos captados por esta experiência, os quais são indispensáveis à uma investigação fenomenológica. A cidade revelada em minha experiência tem o intuito de ser o ponto de partida desta pesquisa, ou seja, uma manifestação da experiência geográfica enquanto ser-no-mundo (MARANDOLA JR, 2016).

Os relatos de experiências, que se encontram originalmente registrados em um diário de campo, contribuem para revelar a cidade que tenho buscado desvendar na pesquisa. A experiência urbana se mostra profícua na medida em que os traços da cidade de onde venho marcam a maneira como experiencio a cidade onde moro atualmente.

Os registros das experiências levaram à delimitação dos caminhos da pesquisa, os quais permeiam a ideia de experiência geográfica como formadora e a força poética da cidade e sua educação no/do lugar.

O segundo capítulo investiga a poética da cidade, em que continuam as reflexões sobre a vivência nesta, mediante um convite para se percorrer o imaginário urbano. Com raízes na Fenomenologia da Imaginação de Gaston Bachelard, traça-se uma cidade poética, com seus espaços felizes, vividos e amados. A Fenomenologia de Bachelard traz em si um esforço de tornar significativas situações, lugares e objetos, proporcionando uma relação íntima da consciência com o espaço vivido.

No terceiro capítulo, como fruto do imaginário urbano, apresenta-se uma seleção de fotografias e pinturas - documentos poéticos não verbais. Estes mostram poéticas possíveis nascidas nos/dos espaços vividos, pelos que são e estão na cidade.

No quarto e último capítulo, apresenta-se a cidade como um repertório poético e educador, buscando ultrapassar a realidade, ir além, pelo devaneio, poética e pela pedagogia bachelardiana. Para além de suas formas, estruturas e funções, a cidade se revela educadora; em si há um apelo pela educação do lugar, apreendida mediante experiência urbana, imaginante e poética, mas não ingênua, pois a sua pedagogia pressupõe uma tomada de consciência.

Pela Geografia Humanista, balizada pela Fenomenologia da Imaginação, busca-se a imersão na natureza formadora da experiência urbana, capaz de revelar/enlevar a cidade em sua essência poética e educadora.



1

A cidade revelada em minha experiência

“[...] Uma relação concreta liga o homem à Terra, uma geograficidade (géographicité) do homem como modo de sua existência e de seu destino”

(DARDEL, 2011, p.2)

Aos que foram, aos que serão e aos que continuam sendo acolhidos por Londrina, revelando-a em suas experiências

Imagem: Danizli Araujo

1.1 A CIDADE QUE ENCONTREI

Recordo-me de minhas andanças pela cidade de Londrina e de como as mesmas me instigaram e instigam a observar e a perceber as diferentes sensações e experiências ofertadas/provocadas por cada espaço. Um misto entre o dever da pesquisa e a vontade de ressignificar a cidade me levou a observá-la com mais vagar. Quando me mudei para Londrina boa parte de meus pensamentos e desejos era adaptar-me à cidade. Eu via Londrina como um caos. Um misto de medo, insegurança e novidades se mesclavam ao barulho e a uma agitação com a qual eu não estava acostumada. Isso me assustava. Nascida em uma cidade pequena, me vi, inúmeras vezes, espantada com o trânsito e com a pressa com a qual a cidade vai se movimentando.

Em tentativas de adaptar-me à cidade e às mudanças, eu buscava reproduzir um ambiente semelhante ao que estava acostumada. Com um aplicativo de celular encontrava sons calmos e pacíficos, como os de São Sebastião de Amoreira, minha cidade natal. Lá, o barulho dos ventos e dos pássaros compõem as cenas de muitos de seus ambientes e, ao ouvi-los, ainda que por ondas do rádio, sentia-me tranquila e um pouco de volta para a casa.

Londrina, com o tempo, em meio a sua agitação, foi mostrando que em momentos de pausa, em meio ao barulho contínuo, é também serena e tranquila. É possível experienciar uma certa calma, é possível ouvir, ainda que de maneira singela, os bem-te-vis a cantarem. Este canto, que aprendi a reconhecer com meu pai, é muito comum na pequena chácara onde eu morava. Ao ouvi-los, surpresa e feliz, percebia como a natureza buscava meios de se adaptar ao tumulto da cidade. Assim como o bem-te-vi, eu tenho aprendido a viver fora do meu ninho. Eu tenho tentado me adaptar a esse novo ambiente.

Em minha nova casa, que apresenta forma vertical, e abriga inúmeras outras famílias, já não é possível debruçar-me na janela para distrair-me ou pensar em algo. Quando se mora em um apartamento, cercado por inúmeros outros, tal prazer pode ser confundido com o ato de “espiar os vizinhos”, invadir a sua privacidade.

Nesta não liberdade e na restrição de olhar o mundo a minha volta, passamos a viver, meus vizinhos e eu, como desconhecidos, sempre mantendo nossas janelas e cortinas fechadas.

Mas, em meio à clausura, Londrina também me proporciona ânimo, alegrias e energia. É preciso tê-los. A corrida diária para tomar um ônibus e por pouco quase perdê-lo, me faz pensar em uma série de coisas, e uma delas é sobre o valor do tempo.

Antes de morar em Londrina, habituada a uma vida calma e sem correrias, típica de uma rotina de pequena cidade, o tempo, os minutos e as horas, não eram uma de minhas preocupações. No entanto, com a mudança para Londrina, passou a ser. Aqui é preciso estar atento até aos segundos. Um minuto a mais é o suficiente para que eu perca o ônibus e atrase toda a programação do dia.

Creio que Londrina, entre tantas coisas, tem me ensinado que a vida é rápida, e, às vezes, rápida demais. Vivendo aqui, passei a considerar mais cada minuto. Os minutos que levo para chegar ao trabalho e os que levo para voltar para casa. Por estar em um ambiente desconhecido, no qual minha atenção para as coisas, objetos, lugares e pessoas se torna maior, passei a me questionar mais sobre o viver em cidade, sobre o viver em um espaço sonhado e planejado pelo homem, mas que por vezes, nos inibe o onirismo.

A cidade, em toda a sua efervescência, parece não conseguir esboçar o seu “*anima mundi*” (HILLMAN, 1993), ou seja, sua alma, que é um princípio vital. “Hoje, não só a alma do homem, mas principalmente a alma do mundo está doente e são seus os sintomas que mais nos atingem, afligem e agridem” (HILLMAN, 1993, p.7). É preciso despertar os sentidos, a percepção e a imaginação, pois estes nos fazem fugir da superficialidade que a vida tende a tomar, nos impedindo de apreender com a cidade, de perceber suas virtudes e valores.

Em meio a questionamentos, dúvidas e trajetos percorridos na cidade, ora me deparando com o novo, ora com o que considero conhecido, vou revelando a mim a cidade que busquei e que escolhi para viver. Lembro-me da sensação de estar em uma outra cidade a cada vez que um novo bairro me era apresentado. Em cada novo lugar seja a pé, seja nos percursos realizados de ônibus, a sensação era a de estar em uma outra cidade.

Londrina que busquei, Londrina que encontrei, “Londrinas” que me foram e são apresentadas. Esta cidade tornou-se um repertório de lugares que me encantam, lugares que me acolhem, lugares que eu custo a acreditar que existem, lugares que me dão medo e outros que me dão conforto. Recordo-me das primeiras

vezes que andei de ônibus pela cidade, eu queria olhar cada rua, cada detalhe, tentar decorar seus nomes descobrir lugares que eu pudesse algum dia visitar/estar.

Mas, em meio a uma rotina acelerada que pouco permite andar com calma pelas ruas, é um exercício quase que fastidioso observá-la, olhar com mais vagar, fixar os olhos em alguém, em algo ou em si mesmo. Todos parecem estar em uma pressa constante, carros, pedestres e motociclistas. Sinto-me em uma valsa, ao som latente de construções e carros em alta velocidade. É uma dança ao ar livre, para tentar me desvencilhar de cada um deles e encontrar um ponto seguro para continuar a caminhar, seguindo meu percurso.

Quando se caminha pela cidade o movimento é moldado pela negociação de coisas que a compõem, como calçadas, ruas, semáforos, carros e edifícios. Andar, em sua lentidão, possibilita diferentes possibilidades perceptivas. A capacidade de se atentar aos detalhes, em um deslocamento lento, é amplamente expandida ao caminhar. Em oposição estão os modos de transporte mais rápidos, pelos quais as coisas passam a serem notadas de uma outra forma, muitas vezes percebidas apenas como um borrão (WASIAK, 2009).

Os detalhes junto a percepção podem ser obscurecidos de acordo com os modos de movimentos. Andar de carro, moto ou bicicleta proporcionam uma percepção distinta da cidade se comparada à visão e percepção de um transeunte. O corpo perde a sua mediação com a rua e de certa forma, perde o contato com os elementos naturais, como o vento, a chuva, temperaturas quentes ou frias.

A necessidade de caminhar tem se tornado obsoleta. A locomoção tornou-se mecanizada, desde os dispositivos de controle remoto aos automóveis (HILLMAN, 1993). O caminhar nos condiciona a perceber. Há uma certa intimidade com o meio ambiente quando se caminha, passamos a conhecê-lo de um modo mais íntimo. Em outras palavras Hillman (1993) fala sobre o caminhar

Caminhando, estamos no mundo, encontramos-nos num lugar específico e, ao caminhar, nesse espaço, tornamo-lo um lugar, uma moradia ou um território, uma habitação com um nome. A mente é contida em seu próprio ritmo. Se não podemos caminhar, para onde irá a mente? Será que ela não sairá correndo, ou ficará paralisada, movimentando-se apenas no ritmo da farmacologia: estimulantes e calmantes, relaxantes e excitantes. Uma cidade que não permite caminhar não é também uma cidade que nega uma moradia a mente? Podemos estar nos dirigindo, literalmente *dirigindo-nos*, para loucura simplesmente por não cuidar dessa necessidade humana fundamental de caminhar. (HILLMAN, 1993, p.53)

O caminhar nos revela detalhes que raramente seriam percebidos em uma outra forma de deslocamento, de certa forma, caminhar nos aproxima do nosso espaço vivido.

Ainda conhecendo Londrina deposito um certo cuidado e atenção ao caminhar ou me deslocar pela cidade. A atenção depositada é, além da curiosidade, uma necessidade de me localizar no espaço, de regressar ao meu local de partida, seja minha casa, meu trabalho ou qualquer outro ponto da cidade.

Preciso olhar com atenção os espaços que me cercam. No entanto, pelos caminhos conhecidos, os detalhes começam a passar despercebidos, meu olhar tornou-se monótono e desprezioso. A cidade torna-se cada vez mais um corpo estéril quando a atenção lhe é renegada ou quando deixamos de nos voltar para as coisas nelas mesmas.

Os objetos e lugares só passam a ser significativos quando imaginados, e para imaginá-los com precisão devemos senti-los. Como aponta Marandola Jr (2005), a preocupação com o trabalho, estudo, entre outros, impossibilita, muitas vezes, a contemplação, a percepção ou o cultivo de sentimentos topofílicos, de apego e carinho, com o espaço. Logo, funções como o educar-se na cidade e percebê-la de forma autêntica e poética ficam comprometidas.

Bachelard (1998) descreve o tempo que flui horizontalmente. Este passa como um rio, como um vento, passa rápido. É neste tempo horizontal que nossa vida cotidiana tende a criar raízes, nos distanciando da possibilidade de descobrir a cidade. Bachelard (1988) convida-nos a romper com esta rotina monótona e repetitiva, que nos impede de crescer/ascender. É preciso, como afirma o filósofo, uma ascensão vertical, uma quebra da horizontalidade, a qual possa nos enlevar através de uma imaginação criadora, um instante poético – que permite valorizar e desvalorizar- possibilitando experienciar o espaço e educar-se por ele de forma autônoma.

A cidade, onde o corpo vive e se move, como destaca Hillman (1993), é psiquê, isto é, alma e espírito, atividades imanentes à vida, que esboçam afetividade e sensibilidade. Essa alma, *anima mundi*, muitas vezes reprimida e rejeitada pelos homens ainda se faz presente, mesmo ofuscada pela patologia de nossas cidades, de nossa tecnologia, de nossas instituições políticas, de nossos padrões de

consumo e de nossa arquitetura. Mas, se a alma da cidade ainda se faz presente, é preciso resgatá-la.

Hillman (1993), propõem o retorno da alma ao mundo, segundo ele, há alma em todas as coisas, cada coisa construída no espaço urbano tem uma importância psicológica, ou seja, revela em si uma poética. Desta forma, a *anima mundi*, alma do mundo, seria um lampejo de alma especial, uma imagem seminal que se apresenta por meio de cada coisa visível, apontando assim as possibilidades animadas oferecidas em cada evento como ele é, como uma apresentação sensorial, um rosto revelando sua imagem interior, em resumo, sua disponibilidade para a imaginação.

A cidade contemporânea, em meio a sua agitação e materialidade, passa a ser considerada como um repertório inanimado. Esta visão não apenas mata as coisas por vê-las como mortas, mas também, nos aprisiona em nosso ego, impedindo de sonhar, imaginar e sentir a cidade (HILLMAN, 1993). O automatismo, o individualismo, a impessoalidade, a pressa, a insegurança e a velocidade são as grandes marcas do viver contemporâneo. A experiência do habitar urbano está perdendo a capacidade de negociar sentido (QUEIROZ, 2016).

O automatismo tornou-se a propulsão cotidiana do homem, e esse tem se tornado um estranho à cidade. As ruas parecem não sobrepular as funções de corredores passantes de veículos e pessoas. As casas e prédios parecem ser estruturas com números e nomes de ruas a localizar pessoas no espaço.

Os valores do espaço vivido, considerado o mundo das experiências pessoais, das ambiguidades e significações, como descrito por Relph (1979), tem ficado obscurecido pelas comodidades e rotinas da vida diária. A vida, neste sentido, tem se tornado uma sucessão de rotinas, uma atuação em papéis convenientemente adotados (RELPH, 1979).

As cidades têm perdido sua realidade sensorial, as pessoas têm deixado de notá-la. A busca por tomar atalhos, chegar depressa faz com que a cidade desapareça – no sentido de não estar sendo notada, ou usufruída como poderia ser.

Inseridos em um espaço emoldurado por tecnologias nossos parâmetros sensoriais e perceptivos encontram-se em constante mutação, proporcionando modos totalmente novos de experienciar o cotidiano. Praticamente todos os movimentos corporais envolvem relações com a tecnologia, desde o acordar em um quarto, com cobertores, banheiro, sistema elétrico, encanamento, utensílios de cozinha, até mover-se para o exterior se deparando com prédios, sistemas de

transportes, semáforos, entre outros (WASIAK, 2009). Há uma forte tendência na relação corpo-tecnologia, e um distanciamento da relação homem e espaço vivido.

O envolvimento cotidiano com a tecnologia no ambiente urbano tornou-se tão habitual e imperceptível, que sua presença só passa a ser notada quando algo foge da normalidade, deixa de funcionar, quebra ou necessita de conserto. Quando o carro, o celular ou mesmo a energia elétrica apresentam falhas, percebe-se que estamos envoltos em um espaço movido pelas técnicas. Este envolvimento, necessariamente muda a forma como os espaços passam a serem percebidos.

A relação corpo-tecnologia, mantém profundas implicações perceptivas e sensoriais com o mundo-da-vida – solo significativo das experiências humanas. Os veículos de transporte e comunicação têm se tornado extensões do corpo humano, passando a cumprir por ele instintos natos como o caminhar e falar. Tais avanços levam o indivíduo a abster-se de experiências diretas com a cidade.

Por meio eletrônico e virtual inúmeras funções são realizadas sem a necessidade de sair de casa, limitando as funções de mover-se e de caminhar. Diante de nós há uma cidade desconhecida, não vivida/usufruída pelo comodismo e praticidade da tecnologia. Há uma *terra incógnita pessoal* (WRIGHT, 2014). Nossos laços com as ruas, com a vida da cidade, estão cada vez mais frouxos.

Neste exercício fenomenológico de perceber a cidade, descrevendo o que se encontra originalmente registrado em um diário de campo, expresso Londrina partindo de minha experiência, da minha relação singular com os lugares e situações. Estas percepções me levam a refletir sobre as relações que mantemos e poderíamos manter com a cidade. Tal exercício também reforça a ideia de que as percepções sobre a cidade são tantas quantas forem as experiências vividas nela.

1.2 A CIDADE DE ONDE VENHO

Cada indivíduo tem muitas cidades mapeadas em si. A cidade de onde venho, é uma forte expressão deste mapeamento, ela é morada de minha memória, dos meus primeiros passos e dos meus primeiros sonhos. É a morada dos meus pais, dos meus irmãos e dos meus sentimentos de ternura. Minha cidade é repouso, calma e sossego. Ela é um caderno de recordações, uma obra de reminiscência. Eu sou parte desta obra.

Graças à cidade de onde venho, estou na cidade que escolhi. Minha cidade foi o meu primeiro dicionário de palavras, foi o palco de minhas primeiras atuações e conquistas. Esta cidade, de onde venho, é parte de mim, é parte de quem sou.

Quando criança, eu não poderia imaginar um mundo distante dali, mas hoje, por tantos motivos, eu estou neste mundo, distante da minha cidade natal.

No entanto, esta distância, não me tira da memória a minha cidade. Cidade feita de sua gente e suas histórias, acolhedora e singela. De povo tímido e acanhado, mas também conversador. Nas calçadas, no fim de tarde, as vizinhas se reúnem, umas bordam, varrem, tricotam e proseiam. Ali, diferente de grandes cidades a calma prevalece.

Lembro-me, em cenas de infância, que os meninos adoravam andar e correr descalços pelas ruas. Se equilibravam sobre suas bicicletas, jogavam bola, brincavam de soltar pipa e rodar peão. As meninas também gostavam de correr com suas bonecas nos braços, pedalar e acompanhar as conversas das mulheres nas calçadas. Ali, as ruas são vivas e vividas.

O dia a dia na pequena cidade parece sempre manter uma constância. Antes do amanhecer os trabalhadores rurais começam a percorrer as ruas da cidade rumo ao trabalho. Homens e mulheres, todos os dias, no escuro que precede o amanhecer, dão início à sua jornada de trabalho. Antes do sol nascer, estudantes universitários e pessoas que necessitam de serviços médicos especializados deixam a pequena Amoreira com destino a outras cidades, como Cornélio Procópio e Londrina.

Todos os dias, sem falhar, o ciclo se repete. Logo que o sol vem nascendo, sabemos que o único entregador de jornal da cidade deve estar se preparando para começar a pedalar e a distribuir o noticiário. Neste horário as crianças e adolescentes também movimentam a cidade deslocando-se para as poucas escolas.

Os trabalhadores urbanos, comerciantes, lojistas, vendedores, motoristas e bancários também começam a ocupar as poucas ruas desse grande lar. No campo, o galo canta bem cedo, e o agricultor logo fica de pé para lidar com a terra. Todos os dias, moradores, visitantes e passantes se encarregam de dar vida a este “corpo-cidade”.

Mas, a cidade de onde venho, palco de tantas experiências e sentimentos, se tornou em um determinado período de minha vida apinhada. Este apinhamento reflete uma condição conhecida por todos, num ou noutro momento da vida. Ele é

motivado pelo desejo de encontrar oportunidades em um ambiente mais livre, pelo desejo de ter mais liberdade e conhecer outros lugares (TUAN, 2013).

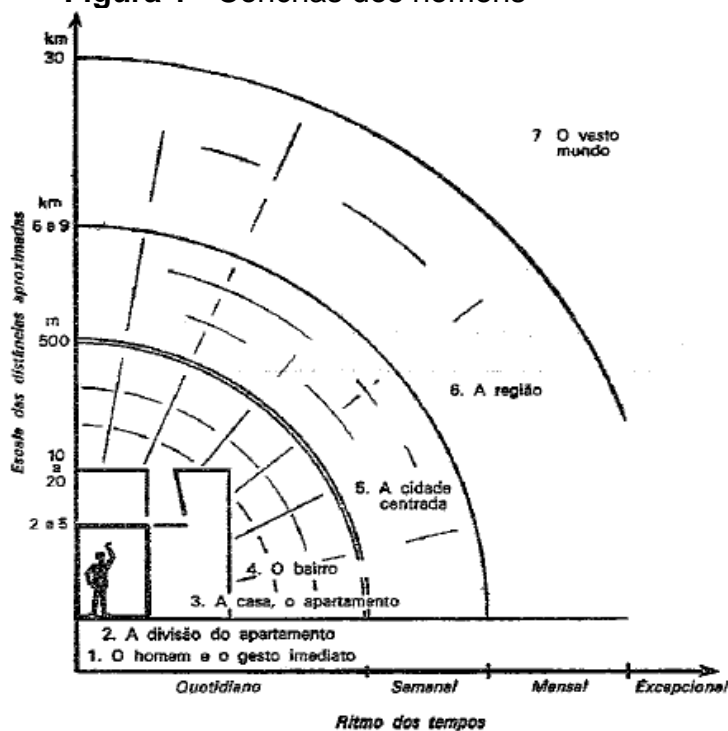
Assim, um espaço vai tornando-se apinhado quando o indivíduo se sente restrito, sem oportunidades para atuar ou evoluir para além de sua condição atual.

Este apinhamento chega até a mim com a necessidade de cursar uma graduação, de buscar um trabalho, conhecer novos lugares e vivenciar novas experiências. Ir excedendo pouco a pouco as conchas que me eram postas foi um desafio de adaptação, não só a mim, mas também aos meus pais, que me viram deixar nossa casa, nosso canto no mundo, rumo a um mundo desconhecido.

Estas conchas, como descritas por Frémont (1976), representam os espaços de vida percorrido e vivido pelo indivíduo, que vão se ampliando na medida em que este deixa sua concha inicial, sua casa e sua cidade natal, por exemplo. Este ampliar dos horizontes, ou seja, o cursar de novos caminhos, proporciona um contato com novas lugaridades (HOLZER 2014), isto é, com a relação dialógica e múltipla dos indivíduos com os lugares.

A figura 1, as conchas dos homens, de Moles e Rohmer, citado por Frémont (1976), ilustra as sucessivas conquistas do espaço vivido, que estão atreladas aos deslocamentos, ao percorrer de novos espaços que crescem as lugaridades (ARAUJO, 2016).

Figura 1 - Conchas dos homens



Fonte: Moles e Rohmer, *apud* Frémont (1976).

Cada concha comporta, por um determinado período, uma autossuficiência ao indivíduo. Quando este não encontra mais o que precisa dentro deste espaço, ou quando se sente apinhado, passa a buscar por outros (ARAUJO, 2016).

O percurso entre tais conchas é algo gradativo, impulsionado por desejos e necessidades. “A natureza obtém depressa demais a segurança da vida fechada. Mas o sonhador não pode acreditar que o trabalho terminou quando as paredes estão firmes” (BACHELARD, 1993, p. 126). As conchas, em Bachelard, que compreendem a função de habitar, são espaços de segurança, abrigo e proteção. Elas protegem do perigo, acolhem e consolam.

Quando a vida se abriga, se protege, se cobre, se oculta a imaginação simpatiza com o ser que habita o espaço protegido (BACHELARD, 1993). O que é viver na cidade, se não estar entre conchas protetoras? Buscando construir conchas que nos resguardem? Estar abrigado -protegido- possibilita a tranquilidade de habitar e, conseqüentemente, a do imaginar, nos colocando diante de um mundo novo. A imaginação em sua tarefa de engrandecimento nos leva além da realidade. (BACHELARD, 1993).

Como afirma Bachelard (1993), um dos primeiros trabalhos da vida é fazer conchas, ou seja, criar espaços de proteção e seguridade. Estamos o tempo todo

buscando conchas. O ser que se esconde, que entra em sua concha, também prepara uma saída (BACHELARD, 1993), ou seja, busca por outros espaços, e nestes, criam novas conchas. Aventurar-se, deixar os espaços de abrigo, construindo outros é uma marca característica da vida nas cidades.

Eu deixei de morar fisicamente em Amoreira. Deixei minha primeira concha em direção a outras. Deixei de sentir todos os dias o cheiro de café coado feito por minha mãe. Deixei de ouvir, todos os dias pela manhã, o som do rádio sintonizado nas emissoras A.M, com músicas ao som da viola caipira, que acabei por decorar. Deixei de esperar, pelas manhãs, o entregador de leite chegar. Deixei de esperar o chamado de minha mãe para o almoço e para o jantar. Deixei de colher frutas no pé. Mas, meu onirismo, ainda me permite visitar todos estes lugares e momentos. Estas imagens estão gravadas/mapeadas em mim.

Hoje, percebo com facilidade o quanto minha cidade natal ainda vive em mim, o quanto eu sou este lugar. Percebo o quanto aquele espaço simples, muitas vezes renegado por sua pequenez, por sua incapacidade de suprir os desejos que nós, enquanto jovens buscamos, é significativo. Percebo, ainda, como a cidade excede as funções de ser abrigo, de ofertar emprego e serviços. A cidade exhibe em si uma força formadora/educadora que precisa ser assumida.

Partindo da cidade de onde venho, busquei Londrina como morada, como uma oportunidade de estudo e trabalho. E agora, enquanto pesquisadora, Londrina tem sido meu campo empírico, resultante destas experiências e experimentações com a cidade. Em um processo de ressignificação desta Londrina, meu novo canto no mundo.

Mas, quantos cantos no mundo (BACHELARD, 1993) Londrina já se tornou? Quantas são as “londrinas” reveladas a cada novo dia? Estas respostas não estão quantificadas e nem respondidas, mas, pensando nelas e em tantas outras indagações, e entendendo que a cidade revelada à experiência traz em si uma poética e uma educação do lugar, que ultrapassa seu funcionalismo, e proporciona uma tomada de consciência sobre os fenômenos vividos, é que se delineia o percurso desta pesquisa sobre a temática da cidade substanciada pela Geografia Humanista.

Os capítulos adiante, balizados pela Fenomenologia da Imaginação, buscam revelar a experiência urbana como formadora e a cidade, em sua poética, como educadora.



2

Fenomenologia da Imaginação

“O espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente entregue à mensuração e à reflexão do geômetra. É um espaço vivido. E vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação”.
(BACHELARD, 1993, p.19)

“A imaginação aumenta os valores da realidade”
(BACHELARD, 1993, p. 22)

Aos que vivem a/na cidade...

2.1 IMAGINÁRIO URBANO: EXPERIÊNCIAS NA CIDADE

No processo de construção da pesquisa deparei-me com um feliz evento; “Como vemos e sentimos a cidade?”. Ofertado por um grupo composto por arquitetos, pintores, artistas e fotógrafos, responsáveis pela primeira edição do movimento Café Urbano, que reúne pessoas em torno de discussões sobre a cidade, suas potencialidades, sonhos e deveres.

O evento ofertou, além de uma roda de conversa, uma exposição fotográfica, que ocorreu em uma cafeteria, no centro de Londrina. A exposição tinha como título “Olhe para cima”, um convite para se ver a cidade por uma outra perspectiva, diferente da habitual, na qual os olhares corriqueiros pouco percebem a cidade.

Essa vivência inspirou e instigou a reflexão sobre as diferentes experiências na/pela cidade. Estas compõem o imaginário urbano. Como aponta Marandola Jr (2003), o imaginário urbano, é um substrato orgânico que, alimenta e institui, juntamente com outros elementos de outras dimensões, a cidade, a sociedade e o homem. É tido, também, como o encontro das ordens empíricas e imaginárias, nas escalas individual e coletiva. Assegura os desejos e sonhos de seus habitantes, revela a poética contida no espaço, que aflora de infinitas maneiras, desde uma expressão artística como uma pintura, ou um poema, no qual ilustra o desejo de externalizar sentimentos e emoções, à uma construção de uso coletivo, como uma praça, que exhibe em si aspectos de sociabilidade.

A chamada para o referido evento trazia estampado em seu anúncio: “A ideia desse encontro é conversar sobre cidade! Falar sobre cidade é pensar em nossa função social, cultural, econômica e política. Qual é a forma que vemos e sentimos a cidade? O espaço urbano não é apenas um cenário, é o meio em que deixamos as marcas de nossa história”. Uma cidade, de acordo com Calvino (1990), é como um sonho, construída por desejos e medos, ainda que isso pareça estar secreto em meio as regras, rotinas e monotonia. Nela, concentra-se um grande *locus* de vivência, onde a existência humana manifesta-se (MARANDOLA JR, 2003).

A princípio em silêncio, com poucas palavras, dá-se início ao evento formando uma roda de conversa, à beira da rua Espírito Santo, Londrina/PR. Alguns sentaram-se em cadeiras, bancos e outros se acomodaram ao chão. Já começava a entardecer quando os diálogos sobre o tema se formaram.

A reunião de um grupo de pessoas à beira da rua causou uma certa curiosidade aos que passavam no local. Alguns perguntavam o motivo da reunião, outros apenas passavam com pressa, e ainda outros, olhavam das janelas de seus apartamentos. Pessoas conhecidas e desconhecidas, de diferentes idades, com diferentes ocupações e interesses, todas ao entorno de um diálogo sobre cidade, um diálogo sobre a morada do homem.

As primeiras falas foram sobre a cidade ao nível dos olhos e o desenrolar desse diálogo levou a reflexões de como a habitual rotina nos insere em uma observação, quase que automática, em linha reta, do cotidiano. Esta percepção espontânea, não nos permite vivenciar a cidade e encontrar sua poética, ao contrário, ela nos torna insensíveis.

Seguindo as conversas sobre cidade logo o diálogo estava percorrendo o “não ocupar a cidade”. O não ocupar por medo, o deixar de frequentar espaços por insegurança. Tudo refletindo em um não viver e experienciar o espaço urbano.

As conversas prosseguiram, tomando rumos, viajando no tempo, e indagações surgiram, “a cidade da infância ainda existe?”. Frente a efemeridade e a insegurança do mundo atual, questões como essa são recorrentes, pois cada vez mais, nos inibimos de presenciar experiências de liberdade e intimidade com o mundo vivido.

As cidades parecem ilustrar um espaço cenográfico, de natureza capturada, artificial, de cumprimento de papéis e obrigações. Cria-se uma cidade para encenar e distancia-se de uma cidade para viver.

As calçadas apresentam-se cada vez mais estreitas, e parecem exibir a mensagem “não estar, não ocupar”. As expressões artísticas, como grafites, por exemplo, vêm perdendo espaço. As árvores, parecem não ser bem-vindas, e são constantemente criticadas por perderem suas folhas, deixando o ambiente com um aspecto sujo, ou por serem abrigo de pombos, estes que são condenados por ocupar espaços públicos, gerando incômodo e sujeira demasiada.

A cidade caminha para o artificial, para o padronizado, perdendo suas referências naturais e humanas. Por hora, parece difícil acreditar que o homem se sente parte do meio ambiente, há cada vez mais uma dicotomia. A cidade que deveria ser o reflexo do que é ser humano, do que é viver, tem adotado um papel de centro de negócios, de vendas e de lucro.

O propósito de construção da cidade foi instintivo nos seres humanos: aglomerar-se, fixar-se, comunicar-se, fazer escambos, entre tantas outras coisas que caracterizam os sentidos iniciais para a construção de uma cidade. A palavra grega para cidade, *polis*, originalmente significava “multidão”, ajuntamento de pessoas. Assim, pensar que o propósito das cidades é econômico ou político é uma ideia, sem dúvida muito recente (HILLMAN,1993).

No entanto, onde se encontra a cidade primitiva, a cidade que foi originalmente imaginada como um espaço para estar juntos? Adormecida, oculta ou mesmo inanimada. A cada dia, as pessoas se distanciam da ideia original de cidade. O uso crescente de automóveis, a ausência do caminhar, os condomínios e casas fechadas e o medo, passou a dificultar encontros, a troca de olhares, a observação e admiração. As cidades tornaram-se espaços funcionalistas, de ofertas de serviços, ofuscando seu real sentido. “[...] O fato de não encontrar rostos por não andar entre a multidão abstém-nos de nosso próprio rosto; também nos abstém da própria cidade como foi originalmente imaginada: uma congregação de faces humanas originadas de todos os ‘caminhos’ da vida (HILLMAN, 1993).

A cidade, neste contexto, tem se tornado um sistema de sujeitos individualistas em meio a um sistema de objetos, casas, prédios e lugares inanimados, ou seja, sem alma, sem vida, sem significados.

A cidade tem deixado o cenário dos sonhos, das expressões e do imaginário urbano se ofuscar diante do ritmo acelerado da vida moderna. As evidências da perda de conectividade com o mundo-vivido são muitas e mostram-se presentes desde ações cotidianas despercebidas, dada pela pressa e pela agitação no espaço urbano, a pesquisas acadêmicas, que se fortificam através da aceitação crescente de uma visão científica do mundo. Os fatos do mundo-vivido são vagorosamente transmutados em abstrações, fazendo com que os indivíduos se tornem casos e exemplos de categoria e os lugares apenas localizações (RELPH, 1979).

Há, neste sentido, um ocultamento da geofricidade, considerada a essência da relação Homem e Terra, como expresso por Dardel (2011, p. 96) “um dos dramas do mundo contemporâneo é que a Terra foi ‘desnaturada’, e o homem só pode vê-la através de suas medidas e de seus cálculos, em lugar de deixar-se decifrar por sua escrita sóbria e vívida”.

Estranhos à cidade, estranhos na cidade. Rompe-se a cada dia, adotando tais posturas, com a ligação intimista que há entre homem-terra, ou seja, com o modo

como a materialidade e a essência das coisas fazem sentido para as pessoas. Cada vez mais distantes de experiências cotidianas e privando-se de apreender com as mesmas, nós, seres humanos, temos caminhado para um privar de sentir-se ligado à Terra, de sentir-se mundo, cidade e lugar.

Quando a experiência de ser cidade é privada, ou seja, quando se rompe com a geograficidade e o espaço vivido, o indivíduo não consegue experienciar além do sentido funcional ofertado pelos espaços. “A geograficidade, enquanto abertura para o experienciar originariamente o mundo, permite ao Homem voltar-se ao mundo-da-vida (*lebenswelt*) e encontrar o mundo em seu acontecer originário, o mundo fenomenológico” (GALVÃO FILHO, 2016, p. 5368).

Não basta compreender a cidade em sua dimensão física, ou em suas representações visuais. É preciso conhecer como os cidadãos a imaginam e a sentem. É preciso ser estrangeiro, no sentido de ser observador atento. É necessário “estranhar toda a familiaridade possível com a cidade e, ao mesmo tempo, familiarizar-se com suas múltiplas diferenças” (CANEVACCI, 2004, p. 30).

Uma cidade que negligencia o bem-estar da alma faz com que a alma busque seu bem-estar de forma degradante (HILLMAN, 1993), ou seja, que se contente com o viver em meio aos funcionalismos e formalismos da cidade, não se permitindo ir além. O propósito de querer estar juntos, imaginar e cuidar do bem-estar da alma deve ser reencontrado nas cidades. É preciso encontrar maneiras de abrir espaço à alma.

Descrever o espaço meramente em sua geometria, sem considerar sua significância e sua pedagogia é uma abordagem inadequada ao entendimento da experiência humana (BUTTNER, 1982). A cidade, onde a existência humana se manifesta em toda sua multiplicidade e diversidade, vai além do foco de poder.

Em meio às conversas, vem à tona a essência de uma cidade, que hoje, é o grande habitat do homem moderno. A cidade, assim como o campo, é situação e condição para sermos e estarmos no mundo, é o espaço no qual existimos. Este espaço que deveria estreitar a ligação homem e cosmos, homem e Terra, tem efeito ao contrário, criando regras e condutas que nos fazem perder a relação umbilical que temos com a Terra.

A cidade, que deveria lembrar que fazemos parte de uma complexidade maior que é existir, tem nos cegado com suas regras e imposições, que são extremamente válidas para o viver em sociedade, mas por serem demasiadamente impostas, criam

uma série de restrições que tornam o homem um ser artificial, no qual fugir de tais regras passam a ser ações negligenciadas.

O diálogo proporcionado por este encontro, me fez pensar que o homem é agenciado, como coloca Dardel (2011), pelo ambiente geográfico. A natureza geográfica, assim como a sociedade, dá forma aos seus hábitos, as suas ideias, mas além de tudo o homem vive em comunhão com a vida universal.

Deste encontro, das conversas e dos pensamentos, salienta-se que “[...] vir ao mundo é se destacar da terra, mas sem romper jamais, inteiramente, com o cordão umbilical pelo qual a terra nutre o homem” (DARDEL, 2011, p.48).

Essa experiência de sentir a cidade se fundamenta no método fenomenológico, o qual permeia, valora e conduz formas singulares de saber e apreender. Com a Fenomenologia nota-se o valor da descrição dos fenômenos e a busca incansável pela sua essência. Tudo o que podemos saber do mundo resume-se em fenômenos, em objetos ideais que existem na mente, cada qual composto por uma essência, uma significação.

2.2 FENOMENOLOGIA DA IMAGINAÇÃO CRIADORA

O método fenomenológico de Bachelard está intimamente ligado à imaginação poética. Segundo o autor os princípios da fenomenologia tratavam de trazer à plena luz a tomada de consciência de um sujeito maravilhado por imagens poéticas. Essa tomada de consciência, que a fenomenologia moderna quer acrescentar aos fenômenos da psique, parece atribuir um valor subjetivo durável a imagens que muitas vezes apresentam uma objetividade duvidosa, uma objetividade fugidia (BACHELARD, 2006).

A fenomenologia de Bachelard traz em si um esforço de tornar significativo situações, lugares e objetos, ou mesmo resignificá-los, proporcionando uma relação íntima da consciência com o mundo, ou seja, um despertar para o pensar e apreender sobre a realidade. A consciência diante de um mundo impulsionado pela poética, abre-se com toda ingenuidade e criatividade. Ela revigora sutilezas, como uma válvula que se abre para liberar instintos recalcados (BACHELARD, 2006).

A fenomenologia de Bachelard busca colocar no presente, em um tempo de extrema tensão e automatismos, a tomada de consciência, pois esta proporciona um crescimento, um aumento de luz, um reforço a coerência psíquica (BACHELARD,

2006). E reforçando a tomada de consciência, Bachelard propõe o devaneio poético, pois “todos os sentidos despertam e se harmonizam no devaneio poético” (BACHELARD, 2006, p.6). O devaneio ajuda-nos a habitar o mundo, a habitar a felicidade do mundo, ele dá o verdadeiro repouso, com ele ganha-se a doçura de viver (BACHELARD, 2006).

Desta forma Bachelard busca determinar uma fenomenologia do imaginário, em que a imaginação é colocada em um primeiro plano, como uma forma de excitação do devir psíquico. O devaneio poético ganha relevância, pois “nos dá o mundo dos mundos. O devaneio poético é um devaneio cósmico. É uma abertura para um mundo belo, para mundos belos” (BACHELARD, 2006, p. 13).

Numa tentativa de transcender a mecanicidade das cidades, além de suas questões físicas, estruturais ou ambientais, apoio-me na fenomenologia de Bachelard, uma fenomenologia da imaginação criadora, que rompe com a inumanidade do mundo, com sua negatividade. O devaneio nos liberta dessa função do real, a qual nos obriga a adaptar-nos a realidade (BACHELARD, 2006).

Pela fenomenologia da imaginação reingressamos no mundo da confiança, pois os devaneios nos colocam em um mundo, nos ajuda a escapar do tempo, de nossa rotina agitada, ele é um estado da alma. “O devaneio nos dá o mundo de uma alma, [...] uma alma que descobre o seu mundo, mundo onde ela gostaria de viver, onde ela é digna de viver” (BACHELARD, 2006, p. 15).

A fenomenologia da imaginação “[...] seria um estudo do fenômeno da imagem poética quando a imagem emerge na consciência como um produto direto do coração, da alma, do ser do homem tomado em sua atualidade” (BACHELARD, 1993, p. 2). Para Bachelard (1993) somente a fenomenologia poderia ajudar a reconstruir a subjetividade das imagens e a medir sua amplitude e sua força. Isso permite não mais encarar a imagem como um objeto, mas buscar a sua essência, através da imagem poética.

No contexto das cidades, a imagem poética, age com o mesmo vigor, permitindo que encontremos essências em ser e estar na cidade. A imagem vem antes do pensamento, é como uma linguagem de criança, uma consciência ingênua. Ao recebermos uma imagem poética nova sentimos seu valor de intersubjetividade (BACHELARD, 1993).

A imagem poética proporciona a tomada de consciência. Através desta o indivíduo pode passar a reconstituir subjetividades, laços afetivos com a cidade e a dotar suas imagens de significações.

Bachelard (1993) em sua obra a *Poética do Espaço*, convida-nos a percorrer espaços felizes, espaços vividos e amados. Transitando entre imagens da casa, porão, sótão, cabana, gaveta, cofre, armário, ninho, concha e canto. O autor traça um tratado poético, que ganha asas com a imaginação. Fazendo uso de alguns de seus espaços topofílicos e tomando a sua obra como inspiração, vislumbra-se adiante a proposta de cidade poética e, por consequência, educadora.

A casa, do porão ao sótão, o primeiro capítulo do livro a *Poética do Espaço*, rememora os espaços de segurança, afeto e proteção. A casa em Bachelard, é o nosso canto no mundo. “Ela é como se diz amiúde, nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo” (BACHELARD, 1993, p. 24).

A casa é analisada enquanto um espaço que, por excelência, cria as raízes do homem no mundo. O canto do ser no mundo, abrigo, amparo, proteção onde se conjuga, articula a intimidade com o mundo (GRATÃO, 2015). O benefício mais preciso da casa, como afirma Bachelard (1993), é o abrigo do devaneio, a casa protege o sonhador, ela permite sonhar em paz. “Ao devaneio pertencem valores que marcam o homem em sua profundidade” (BACHELARD, 1993, p.26).

Mas, a casa se complica quando se tem um porão, sótão, cantos e corredores. O teto cobre o homem que teme a chuva e o sol, é um espaço seguro. No sótão a experiência diurna pode sempre dissipar os medos da noite, já no porão há trevas dia e noite (BACHELARD, 1993).

Utilizemos a imagem da casa, do sótão e do porão para analisar a vida na cidade. Assim como a casa, a cidade exhibe em si espaços protetores, de afeto e aconchego. Todavia, assim como o porão, tido como loucura enterrada e dramas murados (BACHELARD, 1993), a cidade abriga espaços topofóbicos e de aversão.

O sótão, ilustra bem os espaços que definimos como confortáveis e seguros. Tal fato revela, poeticamente, que a casa natal, onírica, também é um desejo de cidade. Desejamos uma cidade que esboce segurança, ainda que a mesma seja acompanhada de um porão. Desejamos nos aconchegar na cidade assim como fazemos com a casa.

Que bom seria olhar para a cidade com os olhos de Bachelard (1993) quando descreve a casa; um ambiente que além de acolher e aconchegar, buscamos cuidar, mantê-lo bem organizado, limpo e bem administrado. Bachelard, por meio da poética, nos leva a ressignificar a cidade transportando-a para a sua noção de casa.

Na cidade sonhada e ideal, assim como na casa, o conforto, a segurança e o abrigo seriam marcas permanentes. Segurança de poder ir e vir, de viver a cidade. Conforto de sentir-se acolhido, abrigado, entendendo que nossa vida está acondicionada a vida da cidade e vice e versa (MELLO, 2014).

Conhecemos e exploramos nossa casa, conhecemos seus cantos, seus espaços de refúgio e de risco. Mas como vamos conhecer e perceber nossa cidade, as marcas da nossa história sem estar nela? Elas estão ali, para todos aqueles que podem ver, mas são vistas somente por aqueles que se propõe a enxergá-las (MELLO, 2014).

A poética, o devaneio e a imaginação, são convites para o conhecer e apreender a cidade. O devaneio faz habitar um mundo, dá ao sonhador a impressão de um em casa num universo imaginado. O devaneio, neste sentido, é uma consciência de bem-estar (BACHELARD, 2006).

Assim como a casa, a cidade acolhe o corpo, a alma humana. À primeira vista, distante da poética, a casa é um objeto rigidamente geométrico, e somos tentados a analisá-la racionalmente. Um objeto geométrico deveria resistir a metáforas que acolhem o corpo humano. Mas a transposição para o humano ocorre de imediato, assim que encaramos a casa como um espaço de conforto e intimidade estamos nos abrindo para o onirismo (BACHELARD, 2006).

Bachelard (1993) sugere o devaneio como forma de reencontramos a noção de casa, que parece estar se desprendendo de nós. Encontrá-la, nos colocaria frente a educação da cidade, que acontece com o despertar-se, com o abrir-se para o novo, para o encantamento, para a imaginação. Crescem os valores humanos. “Talvez seja bom guardarmos sonhos para uma casa que habitaremos mais tarde [...]” (BACHELARD, 1993).

Valora-se, conserva-se e vive-se os espaços que são íntimos. A casa em sua intimidade é desfrutada e vivida. O mesmo quer-se com a cidade, torná-la íntima, para viver bem. “A intimidade tem necessidade do âmago de um ninho” (BACHELARD, 1993, p. 78). A poética vem agregar valor a esse desejo, ela nos torna sensíveis.

A imagem do ninho em Bachelard (1993) leva a pensar na forma como vivemos a cidade. Um pássaro molda com seu próprio corpo seu ninho, com sua força e intimidade constrói, com o corpo e para o corpo, sua própria casa. Pouco a pouco, o pássaro vai modelando a sua casa. Somos convidados a modelar a nossa casa, o nosso canto no mundo, a nossa intimidade e as nossas percepções sobre os espaços vividos. O ninho, assim como a casa, desencadeia em nós um devaneio de segurança, em seu germe toda a vida é bem estar (BACHELARD, 1993).

Orientados pelo devaneio à luz da poética, podemos reconstruir a nossa casa, nosso ninho, para assim habitar, resguardando a essência da cidade - de ser cidade, ser morada. Para nos colocarmos diante de uma cidade sonhada, na qual seus valores educativos e formadores sejam evidentes, assim como, a experiência de vivê-la seja destituída de passividades, que inibem o onirismo, é preciso a tomada de consciência, consciência poética. “A imagem poética está sob o signo de um novo ser, esse novo ser é o homem feliz” (BACHELARD, 1993, p. 13).

Uma poética da vida que considera a imaginação como um modo de subverter a realidade, de inverter mundos, permite compartilhar novos sentidos, repensar pensamentos (HINTERHOLZ, 2015, p. 13), sobretudo sonhar com a educação da cidade. A imaginação em Bachelard é uma força produtiva, provocando no corpo diferentes experiências sensoriais, não apenas de formas, mas sobretudo de valores e qualidades que apelam para a sensibilidade. A dimensão poética da imaginação produz o apetite de projetar e desencadear ações no e com o mundo (HINTERHOLZ, 2015).

Trazer a imaginação para o campo filosófico não significa abandonar a razão. Para Bachelard razão e imaginação apesar de opostos são complementares, pois os dois ultrapassam a realidade e renovam o mundo - caminho para a formação do homem (HINTERHOLZ, 2015).

Bachelard (1996) escreve sobre o novo espírito científico, da necessidade de trabalhar sob o espaço, no nível das relações essenciais, que sustentam tanto o espaço quanto os fenômenos, distante disso, nos arriscamos em cair em insuficiências. O pensamento abstrato, como coloca Bachelard (1996), não é sinônimo de má consciência científica, como muitas vezes é associado, a abstração desobstrui o espírito, tornando-o mais leve e mais dinâmico.

Os conceitos e propósitos da filosofia fenomenológica tornam visíveis às ações humanas cotidianas que são repletas de fenomenologia. Todavia, nem

sempre são experienciadas como tal. Por vezes, há uma dificuldade e resistência em entender a Terra para além de um planeta, a vida para além de estar vivo e a cidade para além de um espaço funcional.

A poética permite o despertar, o romper com a horizontalidade/monotonia da vida (BACHELARD, 1993). A poética, é como uma alma inaugurando uma forma. A alma é o sentido e a sensibilidade, é a potência inicial. Sem ela, as formas e objetos da cidade são apenas inanimadas, mortas, ou seja, sem significado ao homem. “A alma vem inaugurar a forma, habitá-la, comprazer-se nela” (BACHELARD, 1993, p. 6).

Antes da poética, ato de ressignificar, dar um novo sentido ou dotar de significados e sentimentos, os objetos são vistos simplesmente como objetos, sem valores. Como afirma o filósofo, a fenomenologia e a poética devem ultrapassar as ressonâncias sentimentais, ou seja, as dispersões e efemeridades de sentimentos para com as coisas. A poesia e a fenomenologia convidam ao aprofundamento de nossa existência, uma inversão da nossa condição atual, que se encontra demasiado distante do espaço vivido.

A cidade, como um espaço vivido, é um invólucro de símbolos. Seus objetos e espaços trazem em si significados, que ultrapassam as suas edificações. Estes símbolos são interpretados de diferentes formas por seus cidadãos, estes que ressignificam constantemente os seus espaços de vida, dotando-os de sentidos e sentimentos. “Os olhos não veem coisas, mas figuras de coisas que significam outras coisas” (CALVINO, 1990, p.8).

Calvino (1990) mostra que a cidade é redundante, repetindo-se para fixar uma imagem à mente. A memória também é redundante, repetindo os símbolos para que a cidade comece a existir.

A cidade traz em si uma dimensão poética, que está na forma em que os indivíduos ressignificam seu espaço vivido, na forma em que atribuem valores aos lugares, na forma em que interpretam os símbolos e as situações da cidade. Dotar um lugar de significados, é um ato de ressignificação, de poética. Tais significados podem atingir dimensões topofílicas, de apego ao espaço, ou mesmo dimensões topofóbicas, de aversão (TUAN, 1980).

A cidade é um espaço difusor de imagens poéticas sobre os objetos, os lugares e, principalmente, pelo sentido que os indivíduos dão a eles é que a sua

poética é revelada. A poética está no indivíduo, que em um ato de internalizar, vê além da materialidade das coisas e torna os espaços significativos.

Com seus pensamentos, sentimentos e intenções invisíveis revelam uma alma em seu aspecto imaginativo (HILLMAN, 1993). O olhar poético é capaz de devolver a alma as coisas. Alma, que em seu sentido, reflete a sensibilidade e o impulso vital. No entanto, para que a poética da cidade seja revelada, é preciso transportar o espaço vivido para dentro de si.

Como afirma Hillman (1993), é preciso despertar novamente o coração. No mundo antigo o coração era o órgão responsável pela percepção, essa, que nos conduz a leitura poética do espaço.

A *Aisthesis* é uma palavra em grego para elucidar a noção de percepção ou sensação, que significa, na origem da palavra, inspirar, conduzir o mundo para dentro. Esta é uma reação estética à imagem a ser apresentada (HILLMAN, 1993). Em si, ela revela o ato poético, ressignificar algo, a partir de um contato direto e sensível, sendo uma forma de aproximação com o espaço vivido.

A respeito da perda de conectividade com o espaço vivido, Dardel (2011) anuncia o conceito de geograficidade, uma ligação concreta que liga o homem à Terra, que reflete as condições de ser-e-estar no mundo. Geograficidade que tem se perdido com o tempo, na patologia das cidades modernas e na perda da alma do mundo.

Dardel mantém um laço profundo com a poética em seus escritos, indo ao encontro de Bachelard, em sua poética do espaço. O geógrafo francês mostra como a geografia oferece à imaginação e à sensibilidade o socorro das evocações terrestres, carregadas de valores. A experiência geográfica, convida o homem a dar à realidade geográfica, ou seja aos lugares, objetos e situações, uma animação em que o mesmo possa rever sua experiência humana, interior e social.

A poética convida a retificação de saberes, a transcendermos a nossa condição atual, a ressignificar os espaços, a despertar e a rever saberes anteriores. Esta retificação de saber se dá graças ao contato do indivíduo com os lugares e situações, isto é, ocorre em um espaço, em um local, na cidade.

Na comunhão de ideias destes autores, junto ao método fenomenológico, do qual ambos estão enraizados, é possível tecer um caminho que desvele o que tem se tornado oculto na cidade, ultrapassando a realidade, vendo o invisível para atingir a essência das coisas.

Como afirma Bachelard (1993) a imagem poética, quando despertada, foge da causalidade, emergindo da consciência, como um produto direto do coração e da alma do homem. Portanto, “o método fenomenológico obriga a ativar a participação da imaginação criadora, pois o objetivo de toda a fenomenologia é colocar, no presente, o presente da imagem” (BARBOSA; BULCÃO, 2004, p. 48).

Assim, levando em consideração a poética, a imaginação e o devaneio, como forma de sobrepujar a não consciência e os olhares despretensiosos com os espaços vividos, tomemos, adiante, como um exercício, explorar documentos poéticos, pela perspectiva da Fenomenologia da Imaginação.



3

Documentos Poéticos

“A terra, poder telúrico da pedra viva e da vida petrificada, não está limitada à superfície visível das coisas. A superfície é somente a zona de aparição das forças ocultas; a subida à superfície do sagrado revela uma presença difusa, sempre pronta a se mostrar sem se libertar”
(DARDEL, 2011, p.52)

3.1 DESPERTAR POÉTICO: POTENCIAL EDUCADOR DA CIDADE

Na obra “A poética do espaço”, Gaston Bachelard (1993) expõe um estudo da imagem através de documentos poéticos. Por meio da literatura e da poesia, busca captar a essência de cada obra e de seus significados na criação da imagem poética. Recorrer à sensibilidade de artistas é, sem dúvida, um meio de exibir a poética da cidade.

Fez-se uso, neste sentido, de documentos poéticos, em especial os não verbais, iconográficos, como fotografias e pinturas, oriundos da literatura londrinense, entendendo sua importância frente a expressão de uma imagem poética das cidades.

Embora a metodologia bachelardiana se proponha a análise e interpretações de poemas, a mesma tem sido muito utilizada na análise de documentos poéticos de outra natureza (FARAH, 2008), como fotografias, desenhos e gravuras.

Compreendendo que a alma do artista é capaz de captar sentimentos, emoções e desejos vivenciados pelas pessoas e trazê-los à tona em diferentes representações (FARAH, 2008), debruçou-se, adiante, sobre fotografias e pinturas, na tentativa de captar a sensibilidade e a força imagética, presente em tais trabalhos.

Através das imagens dos artistas o mundo e os objetos tornam-se mais belos, permitindo aos homens acessar por um modo singular de conhecimento a essência das coisas, pois o prazer estético produz emoção, toca e excita as paixões (CAPREZ, 2015).

Neste sentido, a investigação sobre a cidade de Londrina por meio de documentos poéticos, tenciona recolher em uma amostragem de documentos não-verbais, elementos que desvendem sentimentos e ressignificações da cidade. O que tais documentos expressam sobre as “londrinhas” e suas poéticas? Sabemos que “[...] Há alma em todas as coisas. Cada coisa de nossa vida urbana construída tem uma importância psicológica” (HILLMAN,1993). Cada detalhe da cidade traz em si um significado.

Todavia, a intensão não é realizar uma análise precisa e pormenorizada de cada imagem e sim revelar formas sensíveis de perceber e (re)significar a cidade, evocando a criação poética a partir da repercussão bachelardiana.

Ler a cidade através das imagens e representações de artistas, que se inspiram em Londrina como campo de trabalho, pode revelar detalhes de sentimentos e emoções vividas ou desejadas pela sociedade e captado pelo olhar do poeta, seja ele um escultor, um pintor, um fotógrafo ou desenhista.

Cada qual analisa e percebe as imagens da cidade partindo de suas emanções, de suas origens. Um pequeno impulso de admiração e imaginação são necessários para receber a imagem poética. O acontecer poético, aqui tido como primordial, se dá na relação da imagem com a imaginação.

Muitos dos valores e significados da cidade podem ser apresentados a partir de produções locais, nas quais os artistas, ou mesmo seus habitantes, enquanto expectadores, lançam um olhar sensível e singular sobre a cidade, a fim de construir suas obras ou apreender com suas observações.

O artista, “esse ser, que consegue enxergar o que muitas vezes não se mostra visível aos nossos olhos, tem um olhar ampliado, não limitante e uma capacidade extraordinária de doar-se à paisagem, o que lhe permite transcender à sua materialidade” (FARAH, 2008, p. 59).

As criações poéticas são capazes de romper as barreiras que a ciência encontra para nos revelar caminhos para compreensão dos elementos significativos. (FARAH, 2008).

Um dos principais pontos dos documentos poéticos é a presentificação do imaginário urbano, constituindo, por meio do irreal, do imaginado, a outra face da realidade. A criação poética, de origem iconográfica, se apresenta de forma interessante para o estudo do imaginário, sendo capaz de revelar uma face oculta da realidade, nem sempre óbvia (FARAH, 2008).

As fotografias exibidas, assim como as pinturas, revelam parte da história da cidade de Londrina, de tempos áureos aos atuais. As mesmas também evocam experiências geográficas, campo de origem da educação da cidade.

A relação da imagem com a imaginação é um ato criado que não pertence ao indivíduo, mas ao acontecer fenomênico, que é o próprio acontecer poético. Assim, o potencial educador da cidade não está pré-dado em suas formas, em sua exterioridade, nem mesmo na simples disposição do espírito do indivíduo, em sua interioridade, mas sim na experiência urbana.

Neste sentido, o potencial educador da cidade dado na experiência urbana e disparado pela poética, devolve ao espaço sua primordialidade e vitalidade,

permitindo tecer laços íntimos com seus lugares e sua matriz cósmica (CAPREZ, 2015).

A educação da cidade parte da experiência que se mantém com o seu espaço vivido. A imaginação e a poética atuam de maneira formativa na experiência urbana. Deste modo, os documentos poéticos são uma das formas de despertar tal experiência, fazendo-a aflorar no íntimo do sujeito.

As poéticas contemporâneas segundo Pierre Caprez (2015) podem contribuir para reinventar as cidades, promover novos modos de sociabilidade e fortalecer a arquitetura material, espiritual e cósmica.

Assim, a arte, o urbanismo situacionista, projetos de experimentação em espaços públicos, movimentos artísticos, entre tantos outros, constroem na cidade espaços de poética e imaginação. Dão abertura para paisagens urbanas poéticas, fundamentando o caráter educador da poética urbana.

Deste modo, uma das maneiras de experimentar uma cidade formadora é proporcionar/aproveitar espaços que sejam pensados para permitir experiências poéticas. A poética desperta para o novo, abrindo nosso eu lírico as sutilezas da paisagem, nos fazendo participar da construção de uma cidade que traga em si um sentido (CAPREZ, 2015).

3.2 DOCUMENTOS POÉTICOS: FOTOGRAFIAS

O nascer de uma cidade revela inúmeros sonhos. Cada nova obra, concretiza na paisagem, a marca destes (figura 2). “[...] A cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito no ângulo das ruas, nas grades das janelas, nos corrimões das escadas, nas antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras [...]” (CALVINO, 1990, p. 7).

A função da construção é criar abrigo. A cidade na medida em que vai crescendo, vai criando abrigos, mesmo que estes não sejam desfrutados como tal. Com a poética, somos convidados a redescobrir a cidade em suas perspectivas oníricas e a encontrar seus abrigos, que esbocem proteção e alegria.

Assim como o ninho (BACHELARD, 1993), o homem constrói com o corpo e para o corpo o espaço para sua morada na cidade. Os ninhos fazem parte da função de habitar, assim como as cidades (deveriam). O ninho também se associa a noção de casa, um reduto protetor e acolhedor.

Um olhar poético sobre a cidade nos leva a vê-la como casa, nos impulsionando a vivê-la de igual modo, condicionando-nos aos cuidados necessários para manter a casa ou o ninho, em suas funções de abrigo e proteção.

O pássaro que deixa seu ninho, se vê desprotegido, perde a condição de abrigo. Tanto a noção de casa, quanto a de ninho se humanizam e convidam a olhar para a cidade de uma maneira mais humana e altruísta.

Figura 2 – Primeira Estação Ferroviária de Londrina, PR – 1935



Fonte: Coleção fotográfica José Juliani, 2011.

A primeira Estação Ferroviária de Londrina evoca a calma de uma pequena cidade, uma cidade em seu recente nascimento. Os passageiros à espera do trem ora olham-se entre si, ora olham a paisagem que os cercam. Parecem dispor de tempo para contemplar a cidade, olhá-la, senti-la e vivê-la.

A imagem reflete a calma de um tempo pelo qual Londrina já passou. As árvores, as casas, os trilhos de trem destoam da atual paisagem, que fomenta agitação, pressa, insegurança e monotonia. A apreciação e a contemplação abrem portas para a topofilia (TUAN, 1980).

Pensando nas cidades contemporâneas, observa-se que a modernidade reduziu o espaço a coordenadas cartesianas entregando-as ao niilismo – redução ao nada. Consolidou-se uma imagem de mundo a-poético e a-cósmico que se reflete até hoje em uma certa concepção de mundialização (CAPREZ, 2015).

A imagem poética, dada pela fenomenologia da imaginação criadora, oferece, neste sentido, uma releitura do espaço vivido, devolvendo sua dimensão poética e cósmica.

A primeira estação ferroviária de Londrina, fotografada por José Juliani, fotógrafo contratado pela Companhia de Terras do Norte do Paraná, retrata o processo de desenvolvimento e transformação de Londrina. Aqui, “a intenção humana se inscreve na terra” (DARDEL, 2011, p. 29). Nos deparamos com um espaço construído, um espaço que é obra do homem, as vezes em forma rudimentar, mas muito significativa (DARDEL, 2011).

A fotografia guarda em miniatura os detalhes de um período que hoje considera-se histórico e pioneiro. Assim como as miniaturas em Bachelard (1993), tal imagem traz em si grandes valores, nos fazendo sonhar e reimaginar.

Figura 3 - Vista panorâmica de Londrina, 1937.



Fonte: Coleção fotográfica José Juliani, 2011.

A cidade é uma intervenção do homem sobre a Terra, um desenvolvimento circundando um ponto, um porto. Um cruzamento, uma exploração mineral ou manufatureira. Ela supõe trocas a grandes distâncias, recursos locais ou facilidade de acesso (DARDEL, 2011). Londrina, pouco a pouco foi crescendo, tomando novas formas, ampliando seus espaços, desejos e sonhos (figura 3).

Neste ampliar-se, novas famílias, novos vizinhos, novas relações com o espaço e novas significações. As pequenas casas, retratadas na imagem, não distante umas das outras, sugerem um espaço familiar e de encontros.

Hoje, os espaços para encontros na cidade assumem um papel de “desencontro pessoal”. Os shoppings centers, por exemplo, embora reúna um número considerável de pessoas, não provoca necessariamente encontros pessoais, no qual o diálogo e o contato com o outro se estabeleça.

Pela imaginação a fotografia nos leva a imaginar uma cidade em seus primórdios. As poucas casas e as poucas pessoas revelam uma intimidade entre si. Certamente os moradores se conhecem, memorizam as faces uns dos outros, fato comum nas pequenas cidades. Nota-se quando alguém deixa de frequentar espaços

comuns, como a igreja, a praça, as lanchonetes e tantos outros. Assim como nota-se, quando algum novo morador ou visitante, passa a frequentar tais lugares.

Os laços de sociabilidade e intimidade parecem mais estreitos. Os encontros entre as pessoas são mais frequentes, é fácil saber quem são os “de fora” ou quem são os “de dentro”.

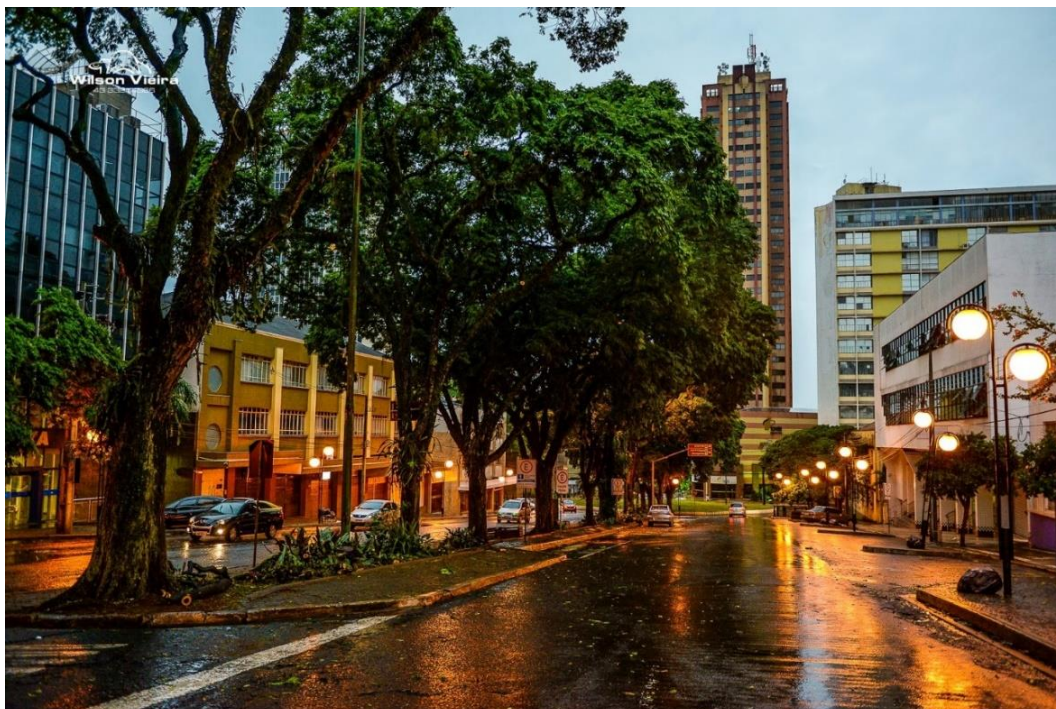
As fotografias narram com imagens um momento vivido. Vivido por quem a registra, vivido por aqueles que se faziam presente no ato do retrato - mesmo que ausentes na composição da cena. A imagem retratada guarda em si trechos de histórias e momentos do passado e projeta, pela poética, novas cenas e experiências.

Este instante capitado pela fotografia, deixa na imaginação, pistas de como a vida se sucedia, das relações que se mantinham com a cidade, da importância do trabalho pioneiro. Através dela, devaneamos em busca de imaginar o que era a cidade e “[...] mediante o que se tornou pode-se recordar com saudade daquilo que foi” (CALVINO, 1990, p. 15).

A vida da cidade acontece, especialmente, nas ruas, nos encontros e experiências que estas proporcionam. Por elas nos deslocamos, encontrando sótãos e porões (BACHELARD, 1993). A rua em Dardel (2011) reflete a realidade geográfica da cidade, é onde o homem é passante, ciclista, pedestre. A realidade geográfica, segundo o autor, é para o homem, o lugar onde ele está, os lugares de sua infância, os ambientes que atraem sua presença (figura 4).

As ruas guardam histórias e lembranças. Percorrê-las é resgatá-las, é ser mediado pelos sentidos em uma experiência espacial. “Experenciemos o mundo com o nosso corpo de sentidos – nossa corporeidade. Os sentidos são extensões desse corpo o qual é a própria geografia sensória que se desenha a partir de uma dada corporeidade, fundamento da experiência do mundo” (GRATÃO; MARANDOLA JR, 2011, p.62).

Figura 4 - Ruas de Londrina



Fonte: Wilson Vieira s/d

A experiência implica a capacidade de aprender partindo da própria vivência. As ruas molhadas ao entardecer, o cheiro do verde das árvores, a sensação de umidade e frio após uma chuva, nos acolhe, nos faz querer encontrar abrigo e aconchego.

O cheiro do bosque verde e úmido, localizado próximo ao local da fotografia (figura 4), provoca o imaginário. É possível percorrer uma cidade com a lembrança de seus cheiros, sabores e sons. Os cheiros das barracas de cachorro quente, o cheiro de milho verde pelo calçadão, o cheiro doce de amendoim caramelizado na esquina da rua Pernambuco, os aromas das lojas de produtos artesanais e tantos outros, característicos de lugares únicos, afloram o imaginário urbano.

Experienciar a cidade, suas ruas, seus espaços, é revelar a sua poética. “Experienciar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele” (TUAN, 2013, p.18). A experiência, à luz da poética, nos coloca diante de uma educação do lugar, de uma educação na cidade.

Nós, seres humanos, procuramos materializar sentimentos, imagens e pensamentos, e o resultado é o espaço escultural e arquitetural, em grande escala, a cidade planejada (TUAN, 2013). Londrina em seu processo de expansão foi se

transformando, crescendo, dando espaço a novos sonhos que, pouco a pouco, foram se materializando (figura 5).

A medida em que o homem foi moldando a cidade, exprimindo sobre ela seus intuítos, a cidade também foi lhe moldando, em sua conduta, nos seus hábitos, nos seus costumes, suas ideias e seus sentimentos (DARDEL, 2011).

Figura 5 - Vista Aérea de Londrina



Fonte: Wilson Vieira, s/d.

A modernidade molda o indivíduo, assim como este molda a paisagem. Na figura 5, a grande “selva de pedras”, aflora em mim as primeiras cenas ao chegar em Londrina. A imensidade de prédios e o reduto espaço verde é um golpe à primeira vista para uma menina do campo.

O colapso da cidade moderna denuncia o desequilíbrio entre o meio natural e o modo excludente de produção do espaço urbano. É preciso devolver ao espaço da cidade toda a dimensão ontológica e existencial do habitar, redescobrir a poética dos seus espaços, se queremos pertencer a cidade e vive-la como morada. (CAPREZ, 2015).

Com este propósito a imaginação criadora é convocada. Ela promove mudanças no modo de conceber o mundo, abrindo caminhos para uma consciência

conectada com o meio. Ela suscita novos regimes de produção, recepção e visibilidade das imagens pela imaginação doadora de sentidos (CAPREZ, 2015).

É deste modo, que a poética desempenha uma de suas principais funções, despertar, transformar e educar. “A imaginação, ao libertar o devaneador de tudo o que é convencional, superficial e social, lhe possibilita mergulhar no interior das coisas” (RAMOS, 1999, p. 31).

Se formos capazes de viver a cidade, assim como a casa sonhada, evocaremos valores de intimidade que permitirão viver a cidade longe da superficialidade, de forma mais participativa e autônoma. Tal ato contribui para o bem estar e manutenção da cidade, buscando encontrar cada vez mais espaços agradáveis para o corpo, espaços para estar, ou seja, espaços topofílicos.

Os espaços topofílicos, em Bachelard (1993), ilustram os espaços felizes e amados. Tomar a cidade de espaços felizes e amados, é um exercício de imaginação e poética, logo um caminho para educar-se nela.

3.3 DOCUMENTOS POÉTICOS: PINTURAS

O que é a cidade se não a sua gente? A cidade é a expressão de hábitos, costumes, histórias e cotidiano. Por assim ser, é um referencial poético de muitos artistas, fotógrafos, cronistas, escritores e desenhistas.

A pintura de Werner (figura 6) faz pensar na “dança” cotidiana da cidade, na qual o ritmo é dado por sua agitação, por sua sinfonia feita de pedestres e motoristas. A mesma também traz a fuga da euforia urbana e o regalo de uma noite de alegria, uma pausa em meio ao caos.

Figura 6 - "Forró"

Fonte: João Werner, 2004.

A imagem reafirma; a cidade se compõe de relações humanas, “a relação entre os seres humanos ao nível do olhar é parte fundamental da alma nas cidades” (HILLMAN, 1993, p. 41). A alma da cidade é reestabelecida na forma que lemos aquilo que vem ao nosso encontro no nível do olhar, na forma como nos olhamos, como lemos uns aos outros – é assim que se dá o contato de alma (HILLMAN, 1993).

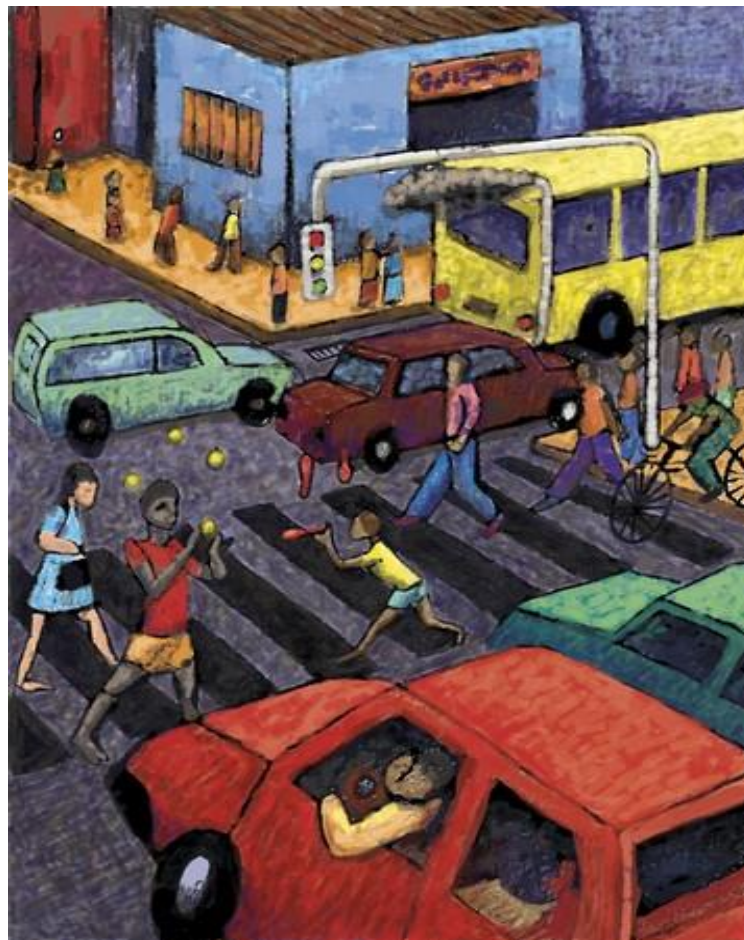
A cidade necessita de lugares para esses contatos humanos com o olhar. Lugares de encontro. Um encontro não é somente um encontro público, é encontrar-se em público; pessoas se encontrando (figura 6). É preciso parar, sempre que possível, para um momento de toque do olhar. “Se a cidade não tem lugares para pausas, como é possível o encontro?” (HILLMAN, 1993, p.41).

Passear, comer, falar... esses lugares, onde podemos conversar, fofocar, são incrivelmente importantes na vida da cidade (HILLMAN, 1993). Os encontros, as trocas, as conversas são a própria vida da cidade. Lugares do e para o corpo. Lugares onde os corpos possam se ver uns aos outros, encontrar-se, tocar-se, realçando a relação do corpo com a vida diária da cidade.

Isso enfatiza o lugar da intimidade dentro de uma cidade, pois intimidade é crucial para a alma (HILLMAN, 1993). É no aconchego dos espaços íntimos que nos sentimos confortáveis, que desfrutamos. A cidade é esse toque de intimidade, que só pode ser dado, no encontro.

As pinturas de João Werner despertam cenas cotidianas, retratam o espaço urbano em cenas corriqueiras. Ao olha-las somos impulsionados a pensar em nossa própria vida na cidade. A arte nos traz a possibilidade de reencantar nossa visão de mundo pelo poético. “O poeta, sabemos, faz brotar uma esperança de vida em sintonia com a Terra, nossa morada”. (CAPREZ, 2015, p. 25)

Figura 7- Malabares



Fonte: João Werner, 2006.

As fotografias e pinturas, neste sentido, convidam a revisitar realidades pela imaginação. As mesmas não se restringem a mostrar somente o visível, há possibilidades para além do ilustrado (figura 7 e 8).

Quem nunca se perdeu por uma rua? Quem nunca se esbarrou em alguém em meio a correria? Quem nunca perdeu a calma em um dia agitado e de trânsito? Tais cenas tornam-se tão corriqueiras que não tomam a importância que deveriam. Sua importância está na experiência com a cidade, na experiência do corpo com o espaço. É na experiência urbana, onde se dá a existência, que a imaginação e a poética agem de maneira formativa.

Tais obras vêm reavivar a experiência urbana, nos lembrando de sua ação formadora. Estas, não se restringem aquilo que nossos olhos podem ver, vão além.

Figura 8 - Parada de ônibus



Fonte: João Werner, 2005.

Deste modo, por meio de fotografias e pinturas, concedidas por seus criadores, expôs-se escritas não verbais da cidade, e como suas “descrições” permitem mergulhar no imaginário urbano, criando infinitas interpretações com base em experiências vividas.

Esses documentos expressam imagens que conduzem a outras. A cidade retratada pelos artistas, embora nos traga uma certa familiaridade, é vivida de diferentes formas. Muitas vezes, não somos os pedestres, que se encontram ilustrados na pintura, os malabaristas do sinal, os passageiros do ônibus, tampouco aquele que passa de motocicleta e carro. Ou ao contrário, os somos.

Cada qual participa de uma experiência distinta na cidade, a vive e ressignifica de modo diferente. No entanto, todos criam em si um imaginário, histórias e aprendizados.

Adiante a pesquisa revela proposições para se refletir sobre as possibilidades de uma educação à luz da pedagogia bachelardiana, capaz de revelar a experiência geográfica como formadora e a cidade como um repertório poético e educador.

Algumas aproximações entre a pedagogia bachelardiana na poética do espaço são propostas na perspectiva de uma educação para além dos espaços formais e salientam uma pedagogia vivida, empírica, indo ao encontro das premissas desta pesquisa, um olhar sobre a cidade, para além de suas formas e funções, uma possibilidade educativa e poética de pensar as relações dos sujeitos com os seus mundos, uma pedagogia centrada no lugar da experiência.



4

CIDADE, REPERTÓRIO POÉTICO E EDUCADOR

“Os planejadores urbanos afetaram radicalmente nossa noção de cidade, levando-nos a esquecer que as cidades nascem de baixo; nascem de suas ruas. As cidades são ruas, avenidas de troca e comércio, o aglomerado físico de pessoas, uma multidão caminhando nas calçadas movidas por curiosidades, surpresa, pela possibilidade do encontro, a vida humana não acima da confusão, mas no meio dela. A vitalidade das cidades depende do caminhar”

(HILLMAN, 1993, p. 56).

“[...] A pedagogia do espaço deve ser criativa. É preciso ir mais longe, incitar a crítica do que existe, recusar a ordem do ‘standard’, suscitar a elaboração de projetos que deem aos lugares habitados, aos espaços de reunião, às regiões de viver, as cores e formas, as necessidades e os sonhos de imaginações jovens”

(FRÉMONT, 1976, p. 262)

Aos que descobrem e aos que vão descobrir a alma da cidade, sua poética e sua educação.

4.1 AULA EM MOVIMENTO: PERCORRENDO A CIDADE

No percurso da pós-graduação tive a oportunidade de participar de uma aula em movimento¹, na qual me deparei com o que tenho acreditado ser o ideário de educação, e, por assim acreditar, decidi compartilhar algumas das ideias pensadas nessa aula campo.

A aula, em seu intuito fenomenológico, tinha como objetivo “ir ao encontro das coisas” (CIRIGLIANO, 1999, p. 36). Isso nos oportunizou experienciar através de uma constatação corpórea alguns espaços da cidade de Londrina, enriquecendo nossa percepção sobre o tema educação e entendendo que a mesma se dá nas vivências dos indivíduos com os lugares.

No início do diálogo que precedeu nossa experimentação pela cidade e me inquietou e instigou a buscar mais sobre o assunto, falamos sobre a crescente e constante busca de espaços de segurança, e como o medo aflige e aprisiona a sociedade atual.

Estes espaços, dado por muros, cercas elétricas, condomínios fechados, entre tantos outros, nos enclausura na fuga do medo e nos priva da experiência singular com o espaço vivido. Tudo o que foge deste espaço protegido acaba sendo rompido, ou de difícil realização.

Temos nos impedido de lançarmo-nos no mundo, sufocando nossas curiosidades e experiências. O medo, a impaciência, o comodismo, a correria são fatores que barram a experiência diária com o lugar. E, tal restrição, compromete nossa vivência contemporânea com a cidade e, ao mesmo tempo, as possibilidades de educar-se no lugar.

Em meio a conversas, na aula caminhante, fomos conduzidos a refletir sobre a incompletude de educar-se somente pelos espaços formais de ensino, utilizando como único instrumento o intelecto (raciocínio, reflexão, cognição). Tal incompletude acontece quando nos abstermos de experienciar o espaço vivido, não possibilitando que nosso corpo, junto aos nossos sentidos, viva e sinta os ambientes que frequentamos. Ou mesmo, que se negue a empiria em pesquisas e quaisquer outros estudos, pautando-se somente em conhecimentos “explicativos”.

¹ Aula de campo realizada na disciplina Formação para Docência em Geografia no Ensino Superior, do Programa de Pós-graduação em Geografia, da Universidade Estadual de Londrina/UEL, ministrada pela Prof^a. Dr^a. Jeani Delgado Paschoal Moura.

Como defendem os pressupostos da Fenomenologia, “O homem não aprende somente com sua inteligência, mas com seu corpo e suas vísceras, sua sensibilidade e imaginação” (REZENDE, 1990, p. 49). O conhecimento dado pelos livros, por exemplo, é fundamental no processo de aprendizagem, mas no processo de educação não nos bastam, não são suficientes. Para a Fenomenologia a aprendizagem humana remete ao aprender de maneira humana a ser homens para existirmos como tais (REZENDE, 1990, p. 49).

O conhecimento pautado em meios impressos e eletrônicos ilustram um “olhar do outro” sobre um dado fenômeno, são posteriores a experiência e se vividos como única fonte do apreender, nos distancia da experiência com o espaço vivido. Antes, são abstrações de um olhar atencioso sobre o espaço, mas não devem se sobressair à experiência empírica homem-mundo.

A educação transcende a linha intelectualista e reafirma que é própria do desenvolvimento humano, de sua essência e de sua natureza, configurando-se, assim, em uma formação harmônica entre mente, corpo e coração (GROSS, s/a, p.2).

As experiências vividas cotidianamente compõem o processo de formação harmônica do indivíduo, demonstrando que a totalidade do corpo e as experiências que dele partem são emanções do aprender significativamente, da escola da vida, ou seja, um aprender pela experiência geográfica.

Todavia, a razão/ciência, que age como uma abstração da realidade, abrange um espaço maior dentro dos processos de aprendizagem, deixando em descrédito as experiências, a sensibilidade e a subjetividade. Estas, que representam o espaço vivido, o aprender existencial e conotam fontes ontológicas de conhecimentos.

O que tenho defendido, portanto, partindo de tais pensamentos, não é a negação da razão (ciência), da educação formal mas, a necessidade de construir um saber a partir da experiência e não dissociada dela.

Nesta aula caminhante, foi possível estabelecer uma relação de aprendizado diferente da tradicional. Sons, cheiros, toques, paladar, visões, lembranças, sensações, abstrações estiveram presentes durante o percurso, que até antes de percorrê-lo, não sabíamos qual seria. E foi essa experiência sensorial com a cidade, que me instigou a adentrar neste universo de entender e querer educar-se no e pelo lugar.

Naquele dia, cada passo nos conduziu para além de lugares. Em uma das paradas, fomos até uma pequena e simples casa instalada em um fundo de vale, uma ocupação irregular como comumente ouvimos falar. Ao experienciar este local as teorias e conceitos foram “suspensas”, dando vez, ao aprender pela experiência.

Mesmo vivendo em condições precárias, acordando todos os dias com a possibilidade de ter que deixar sua casa, seu canto no mundo, seu verdadeiro cosmos (BACHELARD, 1993), a família pretende continuar a viver ali. Um membro da família, que encontramos ao acaso, nos apresentou gentilmente parte de sua casa, nos levou até a nascente de um rio, do qual eles mesmos cuidavam, e nos contou sobre o plantio de árvores que fazem para fins de conservação. Nos informaram, ainda, que vivem ali há mais de trinta anos.

A visita neste lugar nos levou a tantas indagações: O que é este lugar? Como ele pode esboçar uma educação? Como captar a experiência de vida quase subumana? Este lugar, simples e precário é o canto no mundo de uma família. É ali o início de suas experiências com o mundo, é ali que resguardam sua alma, seu *anima mundi* (HILLMAN, 1993), que ilustra a sensibilidade, apego e o impulso vital que sentem por aquele espaço.

O ato formativo/educativo no qual participamos naquele momento veio através do “despertar” do olhar, com atenção fomos levados a questionamentos e reflexões. O ato educativo perpassa por isso, por questionamentos, surpresas e observações.

Ainda caminhando, nos deparamos com um local que gerou tamanho encanto, uma cachoeira próxima a Universidade Estadual de Londrina, de águas vindas do Ribeirão Cambezinho. Olhando com admiração, anotei em meu caderno uma indagação: Londrina esconde belezas, ou nós nos escondemos delas? Supostamente, nos escondemos.

A cachoeira que me encantou não estava tão longe, aliás, ficava a poucos metros do meu percurso diário de ônibus até a universidade. Reconheço, me faltam muitas “londrinas” para conhecer. “Londrinas invisíveis” como destaca Marandola Jr (2003). “Londrinas” da fome, da vulnerabilidade, dos usuários de crack, dos migrantes, dos moradores de rua, e tantas outras que permanecem ocultas, e, muitas vezes, parecem irrealis, mas estão muito presentes.

Esta caminhada me fez pensar na urgência em se reestabelecer os laços entre o homem e seu mundo, pois a experiência de ser lançado no mundo é

fundamental para a aprendizagem da vida. A “[...] paisagem não é, em sua essência feita para se olhar, mas a inserção do homem no mundo [...]” (BACHELARD, 1993, p.32). Mais do que existir, é preciso estar imerso na complexidade do viver, que exige sentir, encontrar-se e encantar-se.

4.2 REPERTÓRIO POÉTICO E EDUCADOR

A cidade é o lugar em que a poética habita sem ser percebida (MELLO, 2014), assim como um cenário poético é rico em signos, valores e significações. Todavia, para experienciá-la como tal, devemos nos deixar enlevar por um olhar cauteloso e consentir que nossa imaginação, criadora, flua a fim de construir nossos próprios itinerários poéticos, e conseqüentemente, educadores.

Ao buscar revelar a educação do lugar – que exhibe a função formadora/educadora presente na cidade - confluímos com a proposta da Fenomenologia da Imaginação de Bachelard, que busca ultrapassar a realidade, ir além, pelo devaneio, pela poética. Trata-se de mostrar como a cidade está além de suas funções estruturais e além de uma cidade funcionalista.

As cidades apresentam em si uma educação do lugar, que é aprendida mediante a uma experiência imaginante, mediante uma experiência poética, ou seja, através de uma tomada de consciência.

A educação na cidade está intimamente ligada a poética. O ato de ressignificar um objeto ou um lugar, ou seja, revelar sua poética, exige reflexão, exige sair de sua condição atual e colocar-se em enlevo. A educação surge nesse enlevo, nesta ascensão e verticalidade do ser (BACHELARD, 1993), que rompe com sua condição atual, sua horizontalidade, que é repleta de casualidades.

Podemos falar de uma educação no lugar, presente no espaço urbano. Para acessar essa educação, como aponta Buttimer (2015), é preciso uma atitude contínua de autoconsciência que ajudaria as pessoas a acessarem os significados de seus horizontes de alcance. É preciso um estilo de vida orientado para a autoeducação, este que permitiria o respeito e o constante transformar e ressignificar de atos cotidianos.

Assim, os poetas e os artistas, de um modo geral, como ilustrado no capítulo anterior, ajudam a transcender as visões materialistas que estamos habituados, nos levando ao encontro das forças imaginantes e significativas que tem a cidade. Este

impulso, configura-se como um ato educador, tendo em vista que a educação acontece no despertar-se para o novo - na formação do homem novo. Neste sentido, o estímulo, a reflexão e o devaneio configuram funções do educar.

Dardel (2011) propõe o despertar de uma consciência geográfica, dada através das diferentes interpretações e intuitos, cujo espectro, ou imagem, da Terra se apresenta ao homem. Assim, junto ao método fenomenológico, a poética, a educação bachelardiana e os conceitos de Dardel, pensa-se a cidade por uma visão mais sensível, desvelando sua poética e seu potencial educador.

Há uma evidente aproximação entre poética e educação em Bachelard (1993) e, por consequência, uma relação entre poética, educação e cidade. A poética conduz o homem a uma verticalidade, tirando-o de sua rotina repetitiva e cansativa, colocando-o em uma ascensão vertical, dando-lhe ânimo para poder conhecer e experienciar.

A educação está neste despertar, dado pelo ânimo de apreender. Em Bachelard a educação é tida como a formação do homem, ou seja, a maturação do indivíduo. Para que o ato educativo aconteça é preciso o despertar-se para o novo, retificar ideias e pensamentos anteriores. “Só há formação quando há retificação do saber anterior, quando há negação das instituições primeiras, ou seja, quando há desconstrução e reforma do sujeito” (BARBOSA; BULCÃO, 2004, p. 56).

A poética, a educação e a cidade formam um tripé, e estão intimamente interligadas, todas confluindo para a formação/educação do indivíduo. O processo de educação é imanente ao homem, ou seja, o indivíduo está em um processo constante de aprendizado, o qual não é exclusividade dos espaços formais de ensino.

A experiência geográfica na cidade constitui em si, um berço de formação, por propiciar em seus espaços e em suas situações um ambiente favorável para a imaginação material, defendida por Bachelard (1993) e destacado por Barbosa e Bulcão (2004), como um processo de crescimento espiritual, por propiciar o contato com a materialidade do mundo, em um vai e vem enérgico, nutrindo a psiquê do indivíduo.

Assim pensando e tomando como um dever, exalto a necessidade de equilíbrio entre teoria e prática (experienciada), pois ser e estar no mundo faz parte da condição humana. Corpo e ato cognitivo podem fazer parte do processo educativo do sujeito.

A etimologia da palavra educar, de acordo com o dicionário etimológico, provém do latim *educare*, ligado a “ex-ducere”, no qual *ex* recebe o sentido de (fora) e *ducere* refere-se a (conduzir, levar). Significando, assim, conduzir ou direcionar para fora, ou seja, preparar o indivíduo para o mundo.

Assim, pensar em educação é um pretexto para repensar uma poética da cidade, uma cidade educadora, pois esta compõe a noção de espaço vivido do sujeito. Barbosa e Bulcão (2004) destacam que na obra de Bachelard o tema educação está presente através da noção de formação, um termo constantemente usado em muitos de seus textos.

A educação em Bachelard, segundo as autoras, estaria ligada a formação do sujeito, e o termo formação, abrange uma complexidade maior do que o de educação, pois vai além da noção de espaços formais de ensino, do ato de repetir e memorizar.

A formação do homem se dá no seu espaço vivido, nos seus espaços cotidianos, espaços de afeto. “[...] o espaço vivido é muito mais carregado de afetividade que o nosso” (GALLAIS, 1977, p. 8). Essa afetividade, intimidade, nos permite potencializar experiências que confluem em ações formadoras.

Segundo Bachelard (1993) os espaços felizes, espaços de afeto e aconchego ganham uma conotação especial, apresentando uma contribuição no processo de formação/educação. Mas, estes espaços não devem ser lembrados por suas estruturas e edificações, educar-se por eles é elucidar admirações, lembranças. É plasmar sobre os mesmos sentimentos e significações.

“O objeto é construído de traços que são aparentes e de traços que só a imaginação criadora pode perceber, porque só ela pode ir além do que está visível, só ela pode penetrar no objeto mesmo e ver além do que está visível [...]” (BARBOSA; BULCÃO, 2004, p 47). Eis a força da imaginação criadora no caminho da poética e da formação/educação.

A cidade, enquanto espaço vivido, proporciona experiências geográficas formadoras, que nos colocam frente a geograficidade, a essência da relação homem e Terra (DARDEL, 2011).

Para Bachelard (1993) a formação sempre começa com um diálogo, na troca de argumentos e pela negação e retificação do saber anterior, para em seguida alcançar novas verdades. A atividade essencial no processo de formação do sujeito é a de se enganar, neste sentido, nós nos educamos através da perda de nossas

ilusões primeiras, ou pré-conceitos. Assim, o erro tem em Bachelard um sentido positivo no processo de aquisição do saber, deixando, portanto, de ser algo negativo e se constituindo como uma mola propulsora da aprendizagem, que leva à elaboração de novas ideias (BARBOSA; BULCÃO, 2004).

A formação em Bachelard é a reforma do sujeito. E, para tal, é preciso um trabalho que exige o exercício de pensar, afastando-se das primeiras impressões e refazendo as ideias e conceitos. É preciso uma reforma da maneira em que vemos e vivemos o espaço vivido. É preciso se afastar de impressões primeiras, que nos aprisiona na tangibilidade das coisas, para alcançar a proposta de formação de Bachelard.

A poética aparece como um dos elementos formativos do homem, por propiciar um ato reflexivo intenso, elevando a imaginação material, que seria o contato sensível do homem com os objetos e lugares que o cercam. A “imaginação material, liberando o espírito do peso do passado, se abre para o futuro e, estimulando no espírito devaneios de vontade, contribui para a dinamização do nosso eu mais profundo” (BARBOSA; BULCÃO, 2004, p.69).

O ato formativo se dá no processo de pensar/viver significativamente, deixando-se envolver pela curiosidade, pelas dúvidas e reflexões. Por meio da poética, é possível desvelar o processo formativo presente nos espaços urbanos, tudo fluindo, para o importante papel pedagógico da cidade.

O preparo do indivíduo, no ato educativo, dispõe entre muitos fatores, de regras de conduta, de convivência e harmonia em sociedade, aquisição de valores, costumes, normas, símbolos, crenças e conhecimentos. Tal preparo, é um fenômeno constitutivo essencial da existência humana.

Baluciar as primeiras palavras, dar os primeiros passos, reproduzir gestos, discernir entre certo e errado são, por exemplo, aquisições que vão sendo internalizadas através de observações e imitações. Sendo, desta forma, comportamentos aprendidos, que compõem o conceito de aprendizagem, e conseqüentemente o de educação. Estamos, neste sentido, falando de uma educação familiar, que transmite as primeiras noções de humanidade. Todavia, são ínfimos os ambientes que participam do processo formativo do sujeito.

A formação do ser humano é resultado de uma aquisição histórica e sociocultural, de um processo de endoculturação, no qual o indivíduo está em um processo permanente de aprendizado. Através de exemplos, de interação e

assimilação de valores os indivíduos vão se formando, desde sua infância à idade adulta. Neste sentido, “[...] todos os homens se educam, e só eles o fazem. Isso significa que a experiência da educação se torna uma das manifestações mais primitivas e típicas do fenômeno humano [...]” (REZENDE, 1990, p.46).

Assim, tanto os indivíduos como os grupos, a família, a sociedade, a escola, a cidade, a história e o mundo, estão implicados na estrutura do fenômeno educacional. A educação nos parece, desde logo, como sendo o fenômeno da aprendizagem da cultura (REZENDE, 1990).

Cirigliano (1999) afirma que a educação completa o homem, termina-o ou o realiza. A mesma é um processo de aperfeiçoamento do indivíduo, e enquanto tal processo existir sempre haverá educação. Como o desenvolvimento do homem, que tem início nos seus segundos iniciais de vida, a educação age como um corpo em formação. Ela vai se formando, em processo lento e ininterrupto, com o tempo, estando a todo momento intrínseca as atitudes do ser humano.

O conceito filosófico de educação se refere ao processo de transmissão e aprendizado de técnicas culturais (ABBAGNANO, 2007), ou seja, a formação do homem que aprende os aspectos culturais a ele passado, os alcança e os aperfeiçoa.

Essa educação, inerente ao homem, é apreendida com a experiência do sujeito com lugares e pessoas, no compartilhamento de ideias, no processo de socialização, no falar, ouvir e agir, que vai além da educação formal. A educação, no sentido lato, é formação do homem e o amadurecimento do sujeito, consecução da sua forma completa ou perfeita, dada por um processo gradativo (ABBAGNANO, 2007). Vieira (2014) descreve a educação como uma evolução consciencial, que faz do cidadão educando um cidadão genial, em que educar-se é evoluir e progredir.

A educação não se reduz a absorção de conteúdos ofertados por instituições de ensino, como geralmente é associada. A educação destina-se a formação integral do homem, de sua moral e virtude, estendendo-se por todo e qualquer espaço que propicie ao indivíduo um contato com o outro.

Neste sentido podemos falar dos espaços formais, não formais e informais de ensino. O primeiro destina-se a espaços com uma “educação organizada”, como creches, escolas, universidades, enfim, ambientes que proporcionam uma sequência de ensino. O indivíduo vai se incluindo nestes espaços de aprendizado de acordo

com o avanço de sua idade. Estes são espaços que valorizam a aprendizagem intelectual, e também, abre espaços para aquisição de valores e sociabilidade.

A educação não formal engloba aspectos como a aprendizagem política, dos direitos enquanto cidadãos, a capacitação dos indivíduos para o trabalho; por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades. Envolve, também, a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos e cotidianos (GOHN, 2006).

A educação não formal, resulta, por exemplo da iniciativa de grupos que se empenham em ofertar cursos de aperfeiçoamento, habilidades, entre outros, exigindo sempre uma intencionalidade. Neste modelo de educação, não há uma restrição de espaços para o educar, todo espaço no qual se possa compartilhar experiências de forma intencional, torna-se educador.

E, por fim, a educação informal, que acontece em locais onde não há processos intencionais, sendo assim, casual e empírica, exercida a partir das vivências, de modo espontâneo. A educação informal, se relaciona ao aprendizado adquirido no processo de socialização, na família, bairro, clube, amigos, igreja, entre outros. A educação informal tem seus espaços educativos demarcados por referências de nacionalidade, idade, sexo, religião, etnia. A casa onde se mora, a rua, o bairro, o condomínio, o clube que se frequenta, a igreja local de culto e o local onde se nasceu.

Assim, a educação informal opera em ambientes espontâneos, onde as relações sociais se desenvolvem segundo suas preferencias, ou pertencimentos herdados (GOHN, 2006). A educação se articula com o processo de formação do indivíduo, que acontece em diferentes escalas e contextos. Logo, por meio da experiência a ação educativa se torna um processo existencial, dialógico e amplamente formativo, do qual todo ser humano participa.

A vida e o mundo se configuram como elementos decisivos no processo de ensino-aprendizagem, pois redimensionam a forma que o sujeito se reconhece, bem como a forma que reflete sobre si mesmo (CAETANO; SOUZA, 2015). O espaço vivido é permeado por um processo educativo. As tramas da vida diária, desde o sair de casa, até o regressar configuram atos formativos, no qual o sujeito vai se constituindo e educando-se.

O educar-se, embora genérico, é um ato experiencial, portanto, singular de cada indivíduo. As experiências construídas ao longo da sua vivência dependem do seu “doar-se ao mundo”, de suas trocas, de sua intensidade e sensibilidade, e de suas interações.

Buttimer (2015, p. 10), ao relatar as experiências no lugar de sua infância, mostra como o lugar é carregado de aspectos educativos e como o mesmo participou da construção de sua formação, hoje o reverenciando em forma de saudade;

É difícil, para mim, encontrar palavras para descrever o que a experiência de viver na Irlanda ainda significa. É evocada uma experiência completa do meio: lembro-me da sensação da grama nos pés descalços, os cheiros e sons das várias estações, os lugares e tempos em que eu conheci amigos nas caminhadas, a decadência diária e o fluxo da hora da ordenha, refeições, leituras e pensamentos, dormidas e despertares.

A experiência do corpo com o espaço, esboçada no relato, revela o ato educativo dado a partir da experiência, o qual reafirma que aprender vai além do processo cognitivo, e encontra-se tão longe e irrestrito, a um espaço formal de aprendizagem.

Em outros exemplos, a Grécia Antiga, ofertou grandes contribuições para a história da educação. Os gregos elaboraram um projeto de formação que visava a construção do homem em todas as suas dimensões: física, afetiva, social, intelectual e espiritual. Ao ideal grego de educação, deu-se o nome de paidéia, que pretendia mais que educar, visava formar os homens (BRAGA, 2000, p. 36). “Esta formação era uma formação harmônica entre mente, corpo e coração, em outras palavras, uma formação intelectual, física e virtuosa” (GROSS, s/d, p.2).

Tal formação detinha como princípios os ideários humanistas, ultrapassando a ideia de transmissão de conhecimento acumulados pela tradição coletiva ou relativos a aptidões tradicionais, profissionais. O formar apontaria para a construção do homem novo por dentro, no âmago do seu ser (BRAGA, 2000, p. 36).

Ballesteros (1992, p. 23), ao falar de educação, principalmente de cunho humanista, reafirma a ideia de paidéia, pontuando que “los humanistas han proclamado que la educación suponía algo más que el mero adoctrinamiento. A ellos les gusta el término PAIDEIA, una formación personal que implicaba

responsabilidade para el propio desarrollo y comportamiento humano²". Alguns humanistas, como pontua Ballesteros (1992), situaram suas mais altas aspirações na *poesis*, do latim poesia, como fundamento da educação, sendo esta a arte de evocar a curiosidade, a reflexão crítica e a invenção.

Bem como filosofar, o educar deve trazer o homem para perto de si mesmo, facultando a apropriação de uma relação com o mundo que só acontecerá a partir do momento em que ela for feita de modo íntimo e pessoal (ANDRADE, 2008).

Sabendo, desta forma, da inexaurível compreensão do fenômeno educacional, de todas suas conceituações e contribuições, impulsiona-se um olhar sobre as contribuições pedagógicas inerentes à vertente fenomenológica e poética. Para tanto, é preciso se atentar ao que é educação fenomenológica e poética.

Se pensarmos na *práxis* fenomenológica, não houve um grande autor da fenomenologia que redigiu, diretamente, um tratado sobre a educação. Todavia, como filosofia, a fenomenologia não visa reduzir-se em temáticas, pelo contrário, se interessa por todos os temas filosóficos. Isto significa, que se a educação não foi tratada, explicitamente, pelos grandes autores, nem por isso ela deixa de ser um fenômeno que pode ser abordado no estilo desta corrente filosófica, no estudo de todos os outros fenômenos (REZENDE, 1990).

Em sua polissemia a educação pode ser focalizada de vários pontos de vista, mas cada um deles nos remetem a uma experiência de aprendizagem profundamente humana e significativa da cultura. A educação configura-se como um ato natural do ser humano, um processo de aperfeiçoamento e desenvolvimento, mostrando-nos que o indivíduo é um ser contingente, imperfeito, inacabado e que, portanto, deve completar-se e realizar-se (CIRIGLIANO, 1999).

A fenomenologia ao valorizar as experiências humanas, buscando compreender os fenômenos da maneira como são vividos, está intimamente ligada a educação, esta que é reflexo do processo cultural, ou seja, dos costumes hábitos, aptidões, conhecimentos e crenças. Neste sentido, a fenomenologia exhibe em si, uma dimensão profundamente pedagógica, no qual todos somos aprendizes. Seu método, é um método de aprendizagem, diretamente relacionado com a experiência

² Voltemos ao mundo mediterrâneo para penetrar nas origens do pensamento humanista na tradição ocidental. Os humanistas afirmavam que a educação significava algo mais do que a mera doutrinação. Usavam o termo *paidéia*, que compreendia uma formação pessoal, mas que também implicava em uma responsabilidade com o desenvolvimento e comportamento humano.

cultural, e em essência, atento ao problema do sentido da existência (REZENDE, 1990).

Enquanto fuga da superficialidade e do não experienciado, a fenomenologia é uma reconexão com o espaço vivido. Nesta posição, ela é concernente a fenômenos que não podem ser compreendidos através da observação e medição, mas que primeiro precisam ser vividos para serem compreendidos realmente como são (RELPH, 1979).

A educação é um fenômeno experienciável pela qual alguma compreensão pode ser estabelecida. “Uma palavra, uma frase, uma definição, nunca poderão dizer o que há a dizer” (REZENDE, 1990). Percebe-se, que ela é muito mais existencial do que materialista.

Educar-se para a fenomenologia consiste antes de tudo, em aprender o sentido da existência, para que essa possa ser vivida humanamente como tal, para que o ser e estar no mundo seja significativo. “O homem é constantemente ameaçado de viver sem perceber o(s) sentido(s) que sua vida está realmente tendo”(REZENDE, 1990, p.69).

Ao falar em aprendizagem significativa, estamos nos referindo a capacidade de refletir, meditar e acrescentar sentido as coisas. Em outras palavras, a aprendizagem significativa é interpretativa, hermenêutica, procurando descobrir em que sentido(s) há sentido(s) (REZENDE, 1990).

Pelas vias da fenomenologia é possível educar os sentidos, pois a partir deles aprende-se: a ouvir, a ver, a cheirar, a degustar, a sentir, e a como lidar com a imaginação (REZENDE, 1990). Isso posto, nos conduz a uma aprendizagem significativa e a uma ascensão na compreensão do que é educação. A fenomenologia da educação, leva ao processo de aprendizagem humano-significativo da cultura (REZENDE, 1990). A cultura, neste contexto, como a existência significativa do homem, é uma manifestação da existência.

Destarte, como aponta Rezende (1990) a fenomenologia da educação prefere sempre falar de educação e mundo, educação e cultura, não apenas de educação e política ou economia, pois reconhece o caráter englobante do mundo e da cultura, os quais são abrigos de ínfimas experiências.

Sem receio, pode-se dizer que a fenomenologia da educação, ao valorizar a existência e pautar seus estudos sobre ela, volta-se com grande atenção para

cultura, que age como uma manifestação da existência, ao exhibir os traços culturais de certos povos, seus costumes, hábitos, língua, entre outros.

A cultura reafirma a existência, e esta deve ser entendida fenomenologicamente por abranger a diversidade de relacionamento entre homem e mundo. Assim, pensar na educação em uma perspectiva fenomenológica é reconhecê-la como uma experiência humana por excelência, na qual existe uma heterogeneidade de cultura, valores, pontos de vista e que se relacionam e se educam numa perspectiva dialética (SILVA, 2010).

Para a fenomenologia, a educação é uma tentativa de descobrir o sentido da existência, vivido e transmitido no interior das culturas. Dando luz ao que realmente é essencial, redescobrir a existência humana, ressignificar objetos, situações, lugares e reconectar-se com o espaço vivido.

A educação na/pela cidade se manifesta como um processo-projeto de humanização do sujeito, que busca romper com a sua passividade perante o mundo, pela predisposição e atitude ativa nos espaços de vida.

Por conseguinte, a educação na perspectiva fenomenológica, pretende ser um projeto de personificação dos sujeitos, de desalienação tanto individual como coletiva. Busca-se, assim, romper com um problema comumente humano; corresponder significativamente com o mundo que se vive (REZENDE, 1990).

A educação fenomenológica aposta, portanto, na educação como um fio condutor que busca restabelecer a ligação do homem com o espaço vivido, homem-cosmo e com o seu real sentido de existência; existir significativamente, rompendo com simbolismos e superficialidades.

Ainda no contexto educação, e pensando em seu percurso de construção, persistência, e talvez, de emergência, comparo-a com a trajetória de rupturas de pensamentos do filósofo e poeta Gaston Bachelard, que trouxe relevantes contribuições para a temática educação.

A comparação que traço entre a educação e as rupturas de pensamentos deste filósofo, parte das suas grandes contribuições para pensarmos uma educação fenomenológica e poética. Embora, Bachelard não tenha tratado do tema educação de forma explícita, é possível retirar de suas obras riquíssimas contribuições de um novo modelo de aprendizagem.

Descrevo tal comparação pensando no caminho que Bachelard percorreu em seus escritos, partindo de uma ruptura profunda que se desenvolveu em duas vertentes por ele trabalhadas: a ciência e a poética.

O filósofo parte seus estudos de um racionalismo rigoroso e inflexível, o qual associa a situação atual da educação, que postula a supremacia da razão em relação a experiência, crença e ao espaço vivido. Todavia, o estudioso em um processo ascensional, de evolução, volta seus estudos para uma fenomenologia da imaginação.

Neste momento o autor pauta-se em um novo raciocínio, na filosofia no devaneio, na poética e na imaginação. O que comparo, com a proposta a qual queremos chegar, estabelecer a ligação homem e espaço vivido, através de uma educação fenomenológica.

Este desocultamento homem e espaço vivido, e sua possível ligação, consiste em romper com os olhares e vivências superficialistas com o mundo. A cidade, o bairro, a rua, ganham outras conotações e ressignificados, que vão além do caráter utilitário. Esta busca resume-se em decifrar os signos que formam a Terra. “[...] a Terra é um texto a se decifrar, que o desenho da costa, os recortes da montanha, as sinuosidades dos rios, formam signos desse texto” (DARDEL, 2011, p. 2).

Neste sentido, há uma busca para conectar-se com a Terra, com o espaço vivido, rompendo com a superficialidade, que se presentifica nas relações de não apego, cuidado e consciência com o espaço. A ciência geográfica pressupõe que o mundo seja conhecido geograficamente, que os homens se sintam ligados à Terra como ser chamado a se realizar em sua condição terrestre” (DARDEL, 2011, p. 33).

Tal ligação está atrelada ao que Dardel (2011) tem chamado de geograficidade, que expressa a razão de ser do homem no planeta Terra, ou seja, delimita e determina a sua possibilidade de existir como ser-no-mundo. “A experiência geográfica, tão profunda e tão simples, convida o homem a dar à realidade geográfica um tipo de animação e de fisionomia em que ele revê sua experiência humana, interior ou social” (DARDEL, 2011, p. 5). Este convite permite ressignificar espaços, olhá-los com atenção e entendê-los como parte da experiência humana.

O mundo, a cidade, os bairros, as ruas são dotados de funcionalidades, de sentidos e significações. São espaços de vida. Ora bombeiam pressa, agitação, caos, ora seguem em seu percurso sereno e vital. Nossos espaços vividos,

representam sonhos sonhados, concretudes de pensamentos, réplica dos desejos humanos, e parte do ser-humano. Conectar-se com o mundo, compreendendo estas questões, é se permitir experienciar e viver significativamente.

A educação é um dos meios de realizar esta aproximação com o espaço vivido. Bachelard em suas obras refere-se à educação através do conceito de formação, por exhibir, de acordo com o filósofo, uma noção mais abrangente ao termo educação, que muitas vezes traz em seu bojo conotações oriundas da tradição que nos leva a compreender o conhecimento como um ato de repetir e memorizar ideias (BARBOSA; BULCÃO, 2004).

Em seu livro *A Poética do Espaço*, umas de suas grandes obras, o autor traça marcantes aspectos formativos ao expor imagens do mundo da vida. Sua obra valoriza os espaços vividos e os espaços amados, como a casa, a cabana, a gaveta, o cofre, o armário, o ninho, a concha, a miniatura e a imensidão íntima.

Estes espaços vividos e amados esboçam dimensões educativas por propor uma ligação direta com o mundo-da-vida, ofertando de forma sensível e poética uma compreensão do mundo. A educação é vista, em sua perspectiva fenomenológica, como a possibilidade de reestabelecer a ligação perdida entre homem e Terra.

Bachelard convida a transcendermos de homens comuns, acostumados a uma visão materialista, casual e superficial à homens que ousam a ultrapassar a superficialidade das coisas. Este ultrapassar é o caminho para uma formação significativa, ou como expressa Bachelard um rumar no sentido de uma ascensão vertical, quebra da monotonia, elevando-nos através de uma imaginação criadora, esta que culmina em um processo formativo fecundo (BARBOSA; BULCÃO, 2004).

A imaginação criadora é desvelada através da poética que, por sua vez, ao ser desvelada, conduz ao ato educativo, este que age na formação íntegra do homem, entre mente e coração. Este processo formativo deve corresponder a reforma do sujeito, que provém de um trabalho de negação do saber do passado, que se acreditava sólido e verdadeiro. A educação/formação implica primordialmente na desconstrução e reforma do sujeito que se refaz, reorganizando suas próprias ideias e retificando conceitos aprendidos anteriormente (BARBOSA; BULCÃO, 2004).

Bachelard em sua fenomenologia do imaginário faz do ato criador o objetivo primordial da vida humana. Trata-se da ideia de que a imaginação conduz à liberdade, pois permite o surgimento do novo e do abrupto (BARBOSA; BULCÃO, 2004). Assim como a educação, a poética é uma forma de reestabelecer a ligação

homem-Terra e de desvelar a educação presente no fenômeno urbano. Em seu sentido mais usual a poética é considerada como o estudo de obras literárias, criando conceitos que possam ser generalizados para o entendimento da construção de outras obras. Todavia, pode ser considerada uma ressignificação semântica de determinados elementos e objetos. Assim, através da poética, é possível ressignificar um valor já atribuído, dando-lhe outros sentidos. O artesão, como exemplo, é um poeta; transforma a madeira em um utensílio, escreve com as mãos sua poesia, ressignifica um simples pedaço de madeira.

A poética, neste sentido, está dentro daquilo que definimos como arte, que pode ser delimitada como as atividades de ordem estética ou comunicativa, sendo expressadas através da música, escrita, pintura, escultura, dança, cinema entre outros. A arte é o processo criativo que se dá a partir da percepção, com o intuito de expressar emoções e ideias, objetivando um significado único e diferente para cada obra. A imagem poética auxilia na compreensão de mundo, e, portanto, na formação humana.

Bachelard em suas obras de vertente poética, ajuda na compreensão do real por meio do devaneio poético e da imaginação criadora. Em sua escrita poética o filósofo vai além do real, conduzindo-nos a um encontro com as poesias/encantos do mundo. Ele mostra como a poética reanima, no leitor, o poder da criação, lhe possibilitando devanear, ou seja, deixar-se levar por sua imaginação, imagens, sonhos e pensamentos profundos, indo além do ambiente que o cerca.

Em sua *Fenomenologia da Imaginação*, Bachelard (1993), convida-nos a apreender o real por meio da imagem poética. Ao vivenciá-la, nos deparamos com uma entrega ao devaneio, pois, segundo o autor, “a arte é então uma reduplicação da vida, uma espécie de emulação nas surpresas que excitam a nossa consciência e a impedem de cair no sono” (BACHELARD, 1993, p.16). A poesia, neste sentido, vem despertar o ser adormecido dos seus automatismos.

Diante das imagens ofertadas pelos poetas, que vão desde contos, narrativas, desenhos, pinturas, fotografias, se estendendo por poemas e crônicas, somos transportados a uma aventura imaginária pelo onírico. Isso nos leva a transcender a superficialidade da vida diária, reconectando-nos à essência existencial. O sonho e o devaneio impulsionam o homem a transformar-se, a ir além e o inquieta. Eis aqui, o seu papel pedagógico, a importância da poética na formação do homem e no reconhecimento, valorização e conexão com o espaço vivido.

Assim, como a educação, a poética possibilita ao indivíduo alçar voo, romper com sua condição atual, rumo a uma geograficidade, que expressa a essência geográfica de ser-e-estar-no-mundo (MARANDOLA JR, 2011).

Distanciando-nos da realidade, da natureza e do cosmo, a poética, através de uma imaginação criadora, nos permite reconectar-se com estas partes perdidas, possibilitando uma transgressão da condição atual, que soa passiva e insensível.

Através da leitura poética uma gama de imagens é formada e conseqüentemente um aguçar da imaginação é instaurado. Este acentuar da imaginação condiz às ações fundamentais e específicas da condição humana. Podemos assim dizer, que o devaneio é uma arte educativa e de formação de sensibilidades humanas (BORGES RIBEIRO, *et al*, 2016).

Busca-se, neste sentido, resgatar a sensibilidade do homem com os seus ambientes vividos, dando a estes significados que vão além de seu funcionalismo. A poética, desta forma, propicia uma (re)leitura e um (re)significar do espaço vivido. Sua manifestação ultrapassa a escrita poética, ela se faz presente na realidade, dotando os espaços de poesia, ou seja, de uma subjetividade que transcende o visível.

A educação do lugar fundamentada pela fenomenologia e poética, ultrapassa os ensinamentos dos espaços formais de ensino, dos livros e bibliografias. Esta é apreendida com a experiência dos sujeitos com os lugares. A educação do lugar supera a experiência holística do mundo diário, face a uma reflexão sobre os lugares vividos, pois a cidade é um conjunto contínuo e dinâmico, no qual o experimentador vive, desloca-se e busca um significado (BUTTNER, 1982).

A educação do lugar ao nos aproximar do espaço vivido, nos leva a refletir sobre o mesmo, colocando-nos em interrogações sobre como este é vivido, utilizado e planejado. A educação do lugar, permite entender as diversidades de percepções e ir contra os critérios universais, como, por exemplo, o planejamento de uma cidade, na qual ignoram-se, muitas vezes, o conhecimento e as especificidades que só as pessoas do lugar podem conhecer (BUTTNER, 2015). Estar em desarmonia com o espaço vivido nos leva a desenvolver atitudes comportamentais de não valorização, ou mesmo, nos abstém de experienciá-lo e vivê-lo em suas possibilidades.

Neste sentido, através do olhar poético com o espaço, da experiência urbana, o ato educativo, ou formador, como defende Bachelard, surge, mostrando-nos que a

cidade é um repertório poético e pedagógico. A poética por propiciar ao homem uma ascensão de sua condição atual, fazendo-o refletir, admirar ou mesmo observar com atenção objetos, espaços ou situações cotidianas, desperta automaticamente a chama da educação, que é impulsionada mediante ao ato de “despertar”.



Considerações finais

“As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa”
(CALVINO, 1990, p. 20).

O presente estudo se debruçou na poética da cidade como educadora e na experiência urbana como formadora, sustentada pela fenomenologia de Gaston Bachelard, sob a luz da imaginação, da poética e do devaneio. Essa premissa tomou força e se mostrou profícua nos levando a refletir sobre a importância de espaços e lugares pensados para permitir experiências poéticas; caminho da educação no lugar.

Para alcançar a educação do lugar viu-se a importância e a necessidade de uma experiência de alma com a cidade, na qual orientada pela poética, impulsiona a sobrepular visões funcionalistas e mercadológicas com a cidade.

Assim, a experiência urbana, impulsionada pela fenomenologia da imaginação criadora, sua poética e devaneio, conduz a uma educação do e no lugar. Desvendar a cidade, conduzida por devaneios e presentificada pela imaginação, permite vivê-la em sua noção de casa – nosso canto no mundo, nosso universo e reduto (BACHELARD, 1993).

Tal premissa leva a uma proposta de humanização da cidade. Uma cidade que possa delinear sua função de abrigo, proteção e na qual possamos experienciá-la como moradores ou como em uma casa, na qual se preze pelo bem-estar e pelo cuidado.

A fim de proporcionar experiências urbanas orientadas pela poética, com o intuito de atingir a educação do lugar, dada por uma cidade formadora, refletiu-se sobre a importância de um planejamento ou pensamento urbanístico que impulse e aflore experiências poéticas. No fundo tais pensamentos já se fazem presentes na cidade. Existem vários movimentos artísticos, de iniciativas públicas a privadas, individuais e coletivas, que se apropriam da cidade e constroem sobre ela espaços de poética e imaginação. Estes espaços otimizam a experiência urbana, aflorando a função educadora da cidade.

Por meio da fenomenologia de Bachelard foi possível delinear uma cidade sonhada. Cidade para além das suas formalidades e funcionalidades. Diante das questões iniciais de pesquisa: O que é esse lugar, a cidade? A cidade pode ser experienciada e apreendida além de sua materialidade? Há uma poética da cidade? É possível educar-se na/pela cidade? Pensemos no que foi alcançado.

A cidade, poética e educadora, exhibe espaços abertos à reflexão, como forma de contrapor às imagens que revelam uma cidade com espaços velozes de automação do cotidiano. A cidade pensada e vivida poeticamente é rica em

aprendizado e formação, podendo acionar aprendizagens que potencializem ideias e soluções para problemas urbanos, ou mesmo para um engajamento mais participativo com a vida da cidade.

Quando experienciada, vivida e apreendida para além de sua materialidade a cidade pode ativar potenciais locais, motivando a participação social, política, ambiental e cultural. Ínfimas expressões topofílicas podem se derivar deste contato íntimo com a cidade, sendo estes, alguns dos frutos de uma cidade educadora, que desperta em seus moradores o desejo de ressignificá-la.

Intervenções urbanas, das mais diferentes escalas também podem surgir deste contato humano e íntimo com a cidade. Expressões artísticas, práticas ambientais, encontros que desvendem a íntima relação da cidade com os seus habitantes, são caminhos para uma experiência urbana efetiva. Há neste sentido, uma poética da cidade, e esta é capaz de nos educar para a humanização.

Assim, é possível nos educarmos na/pela cidade. A poética nos conduz a ressignificação dos espaços vividos, nos despertando para ações e intervenções urbanas, construindo uma pedagogia do lugar (BUTTIMER, 2015). Pedagogia essa que se centra no reconhecimento e na valorização dos espaços vividos, na participação ativa e efetiva da vida da cidade.

A pesquisa ao propor um estudo que buscou pensar a cidade de forma poética e educadora, tornou-se um convite para repensarmos os usos e ações contemporâneas com a cidade. O sentido de uma cidade educadora deve ser o de engajar socialmente e afetivamente pessoas aos seus espaços vividos, para que possam ressignificar e olhar a cidade como uma casa, um espaço que acolhe e abriga, logo que precisa de cuidado para manter suas funções. A vida começa bem, começa fechada, protegida, agasalhada no regaço, no aconchego, no íntimo da casa (BACHELARD, 1993).

Despertar nossa intimidade com a cidade, é uma das cortesias de sua função educadora. Humanizarmo-nos pela poética, nos permite ir ao encontro dessa cidade sonhada. A poética, neste sentido, nos impulsiona para a governança, para a construção de uma consciência social e de tomada de atitudes.

A experiência urbana como formadora, encontra sustentação na ideia bachelardiana de rompimento com a horizontalidade da vida, dando saltos ascensionais em busca de romper com o automatismo que a rotina urbana tende a nos inserir. Bachelard, nos convida a uma verticalidade, a qual permite elevarmo-

nos, através da imaginação criadora, nos colocando em um instante poético e, por consequência, educador. A monotonia nos faz fechar os olhos para os detalhes e sentidos da cidade, aprisionando seus cidadãos de imaginar a força de sua poética e educação.

O imaginário urbano potencializou pensar a poética da cidade, assim como reafirmou a proposta de uma cidade para além de seus espaços físicos, arquitetônicos e estruturais, mostrando um espaço de sonhos e desejos.

Concluimos a pesquisa, demonstrando como a cidade é em si educadora, buscando as suas raízes na imaginação, na poética, no devaneio e na experiência urbana. Assim, podemos dizer que a cidade é o reflexo de seus moradores. Ela é um palco de desejos, histórias e sonhos. Suas construções, não dizem outra coisa, se não intenções, escopos e necessidades, que partem, necessariamente, daqueles que são a cidade, a sua gente.

É possível, portanto, afirmar que a cidade transcende sua materialidade, e nos proporciona experiências, histórias e aprendizados marcantes. Há, sem dúvidas, uma poética da cidade. A imaginação constrói a poética e essa experiência nos abrem possibilidades para vislumbrar o sentido de uma cidade educadora. Educar-se na/pela cidade é enxergar a sua potencialidade na reaproximação do homem de seu espaço vivido. A poética e a educação da cidade nos colocam frente a possibilidades e aberturas, na qual podemos descobrir cidades ainda não vividas e não habitadas. Eis, o que enceta a alma da cidade.

Projeta-se assim, um esforço futuro, para pensar em cidades que proporcionem através de sua arquitetura, urbanismo e planejamento, caminhos para uma experiência urbana poética, aflorando o potencial educador da cidade. As intervenções urbanas, assim como seu planejamento, podem ser alguns dos caminhos para se reestabelecer com a cidade o elo poético e formador, proporcionando um encontro com a feliz(cidade).

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 1114 p.
- ANDRADE, Pedro. Heidegger educador. **Aprender caderno de filosofia e psicologia da educação**. Vitória da Conquista. Ano VI, n.10, p. 1-278, 2008.
- ARAUJO, Danieli Barbosa. **Por uma Educação no lugar**: Uma leitura da percepção dos jovens sobre seus espaços de vida, de Amoreira a Londrina. 2016. 64 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Geografia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.
- BALLESTEROS, Aurora García. **Geografía y humanismo**. Barcelona: Oikus –tau, Estudios Geográficos, 1992.
- BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BACHELARD, Gaston. **El derecho de soñar**. 3.ed. Santafé de Bogotá, D.C. Fondo de Cultura Económica., 1998. Rio de Janeiro: Contraponto Editora Ltda, 1996.
- BARBOSA, Elyana; BULCÃO, Marly. Bachelard: **pedagogia da razão, pedagogia da imaginação**. [s.l.]. Vozes, 2004.
- BORGES RIBEIRO, Amanda. a imaginação criadora nos devaneios de Gaston Bachelard: possibilidades em educação. [s.l.]. **Seminário Nacional de Pesquisa em Educação**, 2016.
- BRAGA, Marco. **A nova Paidéia**: ciência e educação na construção da modernidade. Rio de Janeiro: E-papers, 2000.
- BUTTNER, Anne. Lar, Horizontes de alcance e o sentido de lugar. **Geograficidade**. Rio de Janeiro, v.5, n.1, p. 4-19, 2015.
- BUTTNER, Anne. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, p. 165-193, 1982.
- CAPREZ, Pierre. **Imagens da cidade e geopoética**. Pelo direito de sonhar a cidade. 2015. 146 folhas. Tese (Doutorado em arquitetura e urbanismo) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.
- CALVINO, Ítalo. **As Cidades Invisíveis**, trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANEVACCI, Massimo. **A Cidade Polifônica**: ensaios sobre a antropologia da comunicação urbana. Trad.: Cecília Prada. São Paulo: Nobel, 2004.

CIRIGLIANO, Gustavo FG. **Fenomenologia da Educação** 3ª. Rio de Janeiro: VOZES, 1999

DA SILVA CAETANO, Hugo; SOUZA, Sueli Ribeiro Mota. Educar pela experiência: aprender para existir no mundo. **Revista de Educação Popular**, [s.l.]. v. 14, n. 1, p. 10-18.

DARDEL, E. **O homem e a terra**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

FARAH, Ivete. **Poética das árvores urbanas**. Mauad X, 2008.

FERREIRA, Rafael Bastos. Husserl, mundo-da-vida e geografia. **Revista da Abordagem Gestáltica**, [s.l.]. v. 22, n. 2, p. 119-126, 2016.

FRÉMONT, A. **A região, espaço vivido**. Portugal, Coimbra: Livraria Almedina, 1976.

GALLAIS, J. Alguns aspectos do espaço vivido nas civilizações do mundo tropical. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro: Geografia, Periódicos IBGE a.1,- n.1 IBGE, 1977. p. 1-14.

GALVÃO, C. E. P. **Por abismos... casas... mundos... a geosofia como narrativa fenomenológica da geografia**. 2016. Dissertação (Mestrado em Geografia)- Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas.

GOHN, Maria. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. Rio de Janeiro: **Revista Ensaio-Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 14, n. 50, p. 11-25, 2006.

GOMES, Paulo. **Geografia e modernidade**. 5.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

GRATÃO, Lucia Helena Batista; MOURA, Jeani Delgado Paschoal. **A 'casa' de Bachelard e sua potência poética na educação**. ENEIMAGEM, Anais. V Encontro Nacional de Estudos da Imagem. Londrina, v.4. p. 149- 159, 2015.

GRATÃO, Lúcia Helena Batista; MARANDOLA JR, Eduardo. Sabor da, na e para Geografia. **Geosul**, v. 26, n. 51, p. 59-74, 2011.

GROSS, Renato. Paidéia: Educação, sociedade e política na grécia antiga. **Revista Pedagogia**. p.1 - 8. n.d. Disponível em: < http://www.opet.com.br/faculdade/revista-pedagogia/pdf/n1/paideia_-educacao,-sociedade-e-politica-na-grecia-antiga.pdf>. Acesso em 23 abril 2016.

HILLMAN, James. **Cidade e alma Cidade**. Tradução de Gustavo Barcellos e Lúcia Rosenberg. São Paulo, 1993.

- HINTERHOLZ, Beatran. Bachelard e a educação: Entre ciência e poesia. **Enciclopédia**, Pelotas, v.3, p. 135-154, inverno 2015.
- HOLZER, Werther. **Sobre territórios e lugaridades**. Cidades, grupo de estudos urbanos, UNESP, v. 10, n. 17, p. 19-29, out. 2014.
- HOLZER, Werther. O lugar na geografia humanista. **Revista Território**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 67-78, 1999.
- QUEIROZ FILHO, Antonio Carlos. A cidade e a fabricação do sensível na sobremodernidade. **Mercator-Revista de Geografia da UFC**, v. 15, n. 3, 2016.
- MARANDOLA JR, E. Arqueologia fenomenológica: em busca da experiência. **Terra Livre**, Ano 21, v.2, n.25, p.67-79, jul./dez. 2005.
- MARANDOLA JR, E. Geografias do porvir. In: **A diversidade da geografia brasileira**. SPOSITO, Eliseu Savério. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2016. p. 452 – 467.
- _____. **“Londrinas” invisíveis: percorrendo cidades imaginárias**. 2003. 242p. Monografia (Bacharelado em Geografia)–Departamento de Geociências, Universidade Estadual de Londrina, Londrina.
- _____. Prefácio a edição brasileira, in: DARDEL, E. **O homem e a terra**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- MARTÍNEZ, Alexander Stíp. **Imaginación, subjetividade, saber. La filosofía de Gastón Bachelard**. [s.n.]. Bogotá D.C.: 2016
- MELLO, Kelli Cristina de Sá Miranda de. **Poética da cidade: transformando o olhar em poética**. 2014. 77 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Artes visuais, Universidade do Extremo Sul Catarinenense – UNESC.
- PEIXOTO, Adão José. A origem e os fundamentos da fenomenologia: uma breve incursão pelo pensamento de Husserl. Concepções sobre fenomenologia. Goiânia: **Editora UFG**, 2003.
- RAMOS, Conceição de Maria de Araujo. **A poética da água: uma leitura fenomenológica de Thiago de Mello e García Lorca**. Maceió: Edições Catavento, 1999.
- REZENDE, Antonio Muniz. Concepção fenomenológica da educação. **Cortez Editora**, [s.l.]. 1990.
- RELPH, Edward C. As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**, v. 4, n. 7, p. 1-25, 1979.
- SILVA, Paulo Cesar Gondim da. **O conceito de liberdade em o ser e o nada de Jean-Paul Sartre**. 2010. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.

_____. **Espaço e lugar**: a perspectiva da Experiência: Londrina. 201a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 2013

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA. Museu histórico de Londrina. Coleção fotográfica José Juliani. Londrina: UEL, 2011.

VIEIRA, Waldo. Léxico de ortopensatas: **Dicionário de Argumentos da Conscienciologia**. 2014.

VIEIRA, Wilson. Fotografias sobre Londrina. Disponível em: <
<https://www.flickr.com/photos/wilsonlondrina/>>. Acesso em 27 ago. 2017

WASIAK, Jason. Being-in-the-city: a phenomenological approach to technological experience. **Culture Unbound: Journal of Current Cultural Research**, v. 1, n. 2, p. 349-366, 2009.

WERNER, João. Pinturas sobre Londrina. Disponível em: <
<http://paravocesaber.blogspot.com.br/2012/04/joao-werner-expoe-dia-30042012-em.html>>. Acesso em 27 ago. 2017.

WRIGHT, John K. Terrae incognitae: o lugar da imaginação na geografia/Terrae incognitae: the place of the imagination in geography. **Geograficidade**, v. 4, n. 2, p. 4-18, 2014